

Revista Militar

2.^a Época

FUSÃO da Revista Militar, Revista do Exercito e da Armada
Revista da Administração Militar e Portugal Militar



DIRECÇÃO E AEMINISTRAÇÃO

9 — Largo da Anunciada — 9

TIP. UNIVERSAL — Rua Diário de Noticias, 110

LISBOA

V.

Rev.

Revista Militar

1. Epoca

Publicada en Madrid, en el mes de Mayo de 1875.
Precio de cada número 10 rs. y de cada trimestre 30 rs.



Impreso en la imprenta de la Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales.

En la venta de la Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales.

Empreza da REVISTA MILITAR

SOCIOS HONORARIOS

Sebastião Custodio de Souza Telles

General de divisão

José Augusto Alves Roçadas

Tenente coronel do serviço do estado maior

SOCIOS EFECTIVOS

Luiz de Souza Folque

General de divisão

Francisco J. Ferreira do Amaral

Vice-almirante

Carlos Roma du Bocage

General de divisão

Domingos José Corrêa

General de divisão

João C. Rodrigues da Costa

General de divisão

José Estevão de Moraes Sarmento

General de divisão

Alfredo de A. Lopes de Macedo

General de brigada

Fernando Larcher

General

João Martins de Carvalho

General

João Serras Conceição

General de brigada

José Fernandes da Costa Junior

General de brigada

Alexandre José Sarsfield

Coronel de infantaria

José Cezar Ferreira Gil

Coronel de infantaria

José Joaquim de Castro

Coronel

José Nunes Gonçalves

Coronel d'artilharia

Luiz Antonio Alves Leitão

Coronel

Augusto Ramos da Costa

Capitão de fragata

Pedro Guilherme dos Santos Diniz

Capitão de fragata

Victorino Gomes da Costa

Capitão de fragata

Afonso H. Lopes de Macedo

Tenente coronel

Francisco J. d'Oliveira Sá Chaves

Tenente coronel de cavallaria

Francisco Xavier Corrêa Mendes

Tenente coronel do estado maior

Guilherme de Campos Gonzaga

Tenente coronel d'artilharia

João Baptista da Rocha Grillo

Tenente coronel do secretariado militar

José Joaquim Mendes Leal

Tenente coronel d'infantaria

Luiz Antonio de Vasconcellos Dias

Tenente coronel da adm. militar

Luiz Henrique Pacheco Simões

Tenente coronel d'infantaria

Antonio José de Mello

Major

João Ortigão Peres

Major d'inf.^a e do serviço do est. maior

José Justino Teixeira Botelho

Major d'artilharia

Rodolpho Ferreira Dias Guimarães

Major d'engenharia

Joaquim A. da Matta e Oliveira

1.^o tenente da armada

Alberto David Branquinho

Capitão da adm. militar

Arthur Ivens Ferraz

Capitão d'artilharia e do serv. do est. maior

Fernando Augusto Freiria

Capitão d'art. e do serv. do est. maior

Henrique Linhares de Lima

Capitão da adm. militar

José Ferreira Martins

Capitão

Julio Ernesto de Moraes Sarmento

Cap. de cav. e do serv. do est. maior

Luiz A. Ferreira Martins

Cap. d'art. e do serv. do est. maior

Luiz de Mello e Athayde

Capitão d'infantaria

Raul Augusto Esteves

Capitão de engenharia

Manoel da Costa Dias

Tenente da adm. militar

Cargos para 1915



MESA DA ASSEMBLÉA GERAL

PRESIDENTE

General Fernando Larcher

VICE PRESIDENTE

Major José Justino Teixeira Botelho

SECRETARIOS

Tenente coronel João Baptista da Rocha Grillo
Capitão Julio Ernesto Moraes Sarmento

DIRECÇÃO

PRESIDENTE

General de divisão José Estevão Moraes Sarmento

VOGAIS EFECTIVOS

General João Martins de Carvalho
Capitão de fragata Augusto Ramos da Costa.
Tenente coronel Francisco José d'Oliveira Sá Chaves
Tenente coronel José Joaquim Mendes Leal
Tenente coronel Luis Antonio de Vasconcellos Dias
Tenente coronel Luis Henrique Pacheco Simões
Major Rodolpho Ferreira Dias Guimarães
Capitão Luiz Augusto Ferreira Martins.

SECRETARIO

Capitão Fernando Augusto Freiria

VOGAIS SUPLENTES

Tenente coronel Francisco Xavier Corrêa Mendes
Capitão de fragata Pedro Guilherme dos Santos Diniz
Capitão Henrique Linhares de Lima

CONSELHO FISCAL

VOGAIS EFECTIVOS

General Alfredo d'Antas Lopes de Macedo
1.º tenente Joaquim Anselmo da Matta e Oliveira
Capitão Arthur Ivens Ferraz

VOGAL SUPLENTE

Capitão Alberto David Branquinho

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 1

Janeiro de 1915

Ano LXVII

Director, proprietario e editor — Empreza da Revista Militar

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL

pertencente a Coelho da Cunha Brito & C.^a — Rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

PELA PATRIA!

«Honro-me sobremaneira, como presidente da Camara dos Deputados, de receber os cumprimentos de v. ex.^a, como chefe supremo do Estado, *nesta hora tão incerta para os destinos dos povos, em que sobre a nossa propria nacionalidade pesa uma interrogação escura*. Estou certo e faço votos, em nome dos representantes da nação, que as mãos veneraveis e honradas de v. ex.^a, juntamente com o governo da nação, a saibam encaminhar para o destino brilhante a que tem direito, destino que se encontra já cimentado com o sangue generoso daqueles que o derramam em defesa da Patria, pelo seu engrandecimento, honra e prestigio da Republica.»

Alocução dirigida ao Chefe do Estado pelo Presidente da Camara dos Deputados, no palacio do Congresso, no dia 1 de janeiro corrente.

A alta representação do magistrado que pronunciou as palavras, que ficam transcritas, o seu character grave e ponderado, o silencio profundo com que foi acolhida pelo país a afirmativa consignada na frase, que sublinhámos, sem que uma só voz ousasse contestar a sua veracidade, e, sobretudo, outras não menos graves asserções da mesma natureza ¹, publicadas

¹ Merecem consignação especial as palavras pronunciadas pelo sr. ministro do Interior, na sessão de 10 de janeiro corrente, da Associação de Socorros Mutuos dos Empregados do Comercio, nas quais, referindo-se a — «esta hora interrogativa e tragica, que póde ser um inicio de engrandecimento, mas tambem póde ser inicio de morte» —, incitava a que se estabelecesse a harmonia entre todos os cidadãos, «—que amanhã se verá na contingencia de ter que defender a liberdade, o território e a honra—».

na imprensa periódica, e designadamente os conselhos atribuídos a uma nação amiga e aliada, cuja revelação não desmentida levantou grande celeuma nos partidos, unica razão porque os não aproveitamos igualmente para a dedução das ideias, que nos propomos emitir, tudo nos causa as apreensões mais dolorosas, de que efectivamente a marcha dos acontecimentos internacionais poderá fazer passar á nossa Patria os momentos mais difficis que, desde seculos, ela tem atravessado.

O sistema de alianças, que se havia estabelecido entre as grandes potencias, era proclamado, até ha poucos meses, como o mais proprio para afirmar e consolidar o equilibrio europeu, e sob este pensamento e pretexto foram expressamente redigidos os pactos negociados. Não obstante, em curto numero de dias foram estes despedaçados pela guerra, demonstrando assim a inanidade da valia, que lhes era atribuida. O facto lançou no espirito de todas as nações civilizadas, e designadamente das europeias, perturbação identica á que sente quem julga em perigo a propria existencia.

Entre os países beligerantes é franca e evidente a preocupação que lhes causa o exame comparativo das proprias forças com as adversas. Por isso, buscam ardentemente não só robustecer por todos os modos o proprio Poder Militar, mas reduzir e aniquilar o dos inimigos, recorrendo, para tal fim e sem maior escrupulo, a quaisquer processos, que assegurem este resultado.

No exercicio da primeira parte desse proposito, que respeita ao robustecimento proprio, tratam certos beligerantes de conseguir de algumas das nações, que proclamaram a situação de neutralidade, a sua adesão, ou a formal declaração, quando menos, de a manterem atravez de todas as vicissitudes, evitando por tal modo a possibilidade do reforçamento das forças adversas. Como aperitivo não duvidam oferecer as vantagens, que se lhes afiguram mais tentadoras, para as aspirações de engrandecimento, que as colectividades, como os individuos, sempre possuem.

E' de crêr que algumas dessas tentativas corrutoras tenham ficado algumas vezes mal definidas, por assim dizer embrionarias, sem darem ocasião a compromissos formais. Mas nestes mesmos casos as ofertas tentadoras constituíram precedente devidamente registado, por ventura aproveitavel em determi-

nadas circunstancias. Casos haverá, porém, e a imprensa a eles se tem referido, em que as ofertas feitas motivem negociações concretas, embora sempre proteladas sob varios pretextos, para evitar formais compromissos. A situação da neutralidade, quando negociada, para que seja seguramente lucrativa, necessita de se acercar e envolver em escrupulos e nebulosidades, que permitam aos estadistas manobrar os fios da politica, consoante não só as vicissitudes da guerra e circunstancias de ocasião, mas as conveniencias da nação.

Examinando a actual attitude dos países da Europa, que proclamaram a neutralidade, não será difficil prescrutar, com certa plausibilidade, quais deles terão recebido essas tentadoras propostas.

A começar pelo noroeste, encontra-se logo a Holanda, cuja fronteira oriental, em tempos normais, e a do sul, na presente ocasião, se prestam admiravelmente ao abastecimento da Alemanha, e tem uma população francamente adversa aos belgas, razões por si só suficientes para a tornar suspeita aos aliados. A ameaça, que se diz por estes feita, de que a esquadra japonesa se encarregaria da conquista das riquissimas colonias, que os holandêses possuem na Oceania, bastou para entravar, porém, qualquer compromisso formal com a Alemanha. Mas as manifestas simpatias pelo Imperio germanico, reveladas na accusada concessão de largos abastecimentos, comprovados pelo extrordinario aumento das importações, as quais em relação aos anos anteriores não admitem outra qualquer explicação, têm originado tão formais reclamações dos aliados, que por certo o animo da nação holandêsa com elas se terá magoado duramente, e tanto mais quanto que a situação economica do país se agravou a ponto de um notavel jurisconsulto dizer: «—A Holanda não está em guerra, mas sofre a guerra moral e materialmente—». Como compensação para essas maguas e prejuizos, publicamente se tem dito que a Alemanha, no caso de triumpho, destinaria uma determinada região belga, lemitrofe da Holanda, para acrescentamento deste país.

Seguindo mais para o norte encontram-se, guardando a neutralidade, os países escandinavos, entre os quais tem acentuada preponderancia a Suecia, que tantas causas de agravo regista da Russia, e a Dinamarca que as não conta menores por parte da Alemanha. Narra a imprensa inglêsa, como a Ale-

manha tem feito repetidos incitamentos ás três nações escandinavas para constituirem uma federação, incumbida da defesa comum, a qual entraria francamente na aliança alemã. E' de crêr que um dos premios da adopção de tal alvitre fosse a Finlândia, actualmente em poder da Russia, da qual os suécos se julgam esbulhados reputando-a indispensavel ao seu exclusivo dominio no golfo de Bothnia. Não hostilisam os aliados essa ideia da federação, mas com propositos inteiramente diferentes. Na reunião dos três soberanos escandinavos, efectuada na segunda metade do mês de dezembro findo, em Malmoe, foi ventilado por certo o assunto, não obstante as estações diplomaticas explicarem essa reunião pelo exclusivo motivo do desequilibrio economico produzido nos três países, devido essencialmente ao bloqueio rigoroso estabelecido pelos ingleses no Mar do Norte e á sementeira de minas explosivas nêle feita pelos alemães.

Seguindo para o oriente, guardando ainda a neutralidade, encontram-se os diversos Estados Balkanicos, todos descontentes com a partilha da Turquia, resultante da ultima guerra turco-balkanica, e aspirando com a revisão do pacto, que a sancionou, ao aumento dos seus actuais territorios. A Romenia, como o principal desses Estados, preside ao conclave, procurando conciliar as divergencias suscitadas entre os contratantes.

A Italia, ao sul, não encobre por modo algum, quer a sua aspiração ao dominio no Adriatico e no Mediterraneo oriental, quer sobre Trieste, Trentino e litoral da Albania. Roma é hoje o centro de toda a intriga diplomatica, em que se procura definir a attitude beligerante não só da propria Italia, mas dos Estados Balkanicos, os quais, por intermedio da Romenia, se mostram navegar nesse ponto dentro da esfera de influencia italiana.

A neutralizada Suissa, no centro da Europa, rodeada de grandes potencias, essa propria se não mostra inteiramente isenta de aspirações de engrandecimento. Diz ter necessidade de expansão, estar sufocada dentro das suas fronteiras, e merecerem as terriveis condições economicas com que se debate, em resultado da guerra, compensações territoriais. Adquirindo a Alta Saboia, a região de Gex, e uma parte do Franco Condado, a sua importancia cresceria notavelmente, o que seria de assinalada vantagem para a Alemanha, dentro de cuja orbita a Suissa depois se moveria, abrindo a esta potencia o caminho

para o Sul, pelo S. Gotardo e Simplon, e ainda a via do Mediterrâneo, tornando-se por tal modo uma avançada do Império germanico neste mar.

Da resumida exposição, que fica feita, conclue-se que todas as citadas nações neutrais mantêm aspirações de engrandecimento á custa das regiões vizinhas, sendo de toda a probabilidade, portanto, que o facto haja servido de isca tentadora para as arrojar, por um ou outro dos grandes agrupamentos beligerantes, na voragem destruidora, que assola não só a Europa, mas outras regiões das restantes partes do mundo.

Por mais pessimista que se queira sêr, ninguém poderá sequer suspeitar, que seja da Holanda, dos países Escandinavos, dos Balkanicos, da Italia ou da Suissa que possam brotar para a nossa nacionalidade as dificuldades, que constituem a interrogação escura, a que se refere a alocação transcripta do sr. Presidente do Congresso.

Calculadamente excluimos do exame feito a vizinha Espanha, porque sendo nação lemitrofe da nossa, este ponto de contacto, agravado pelas suas aspirações historicas, exige que se estude pausada e serenamente a situação internacional da-quele país, para dela deduzirmos o que possa concorrer para aclarar quanto de vago e nebuloso lhe possa ser attribuido nas frases citadas no começo deste artigo. Este exame tem de ser feito sem odios, sem malquerenças, sem espirito preconcebido de hostilidade, que seriam verdadeiros crimes de lesa-nacionalidade erguidos em nação tão deficientemente apercebida para a luta, como a nossa, o que não ha inconveniente em confessar, mais uma vez, desde que bem alto o declarou na tribuna parlamentar o distinto general, que ha pouco sobraçava a pasta da guerra.

As pequenas nacionalidades sobre as quais “— paira uma interrogação escura em hora incerta para o destino dos povos” — não devem caminhar de olhos vendados para o abismo antevisto, antes têm a obrigação de encarar fria e serenamente a situação, sem alardes, provocações ou vituperios para quem quer que seja, procurando na reflexão, na cordura e na união a força necessaria para vencerem as dificuldades, que as ameçam. Outro modo de proceder constitui rematada inconsciencia ou incontestado crime de lesa-nacionalidade.

Mas, para medir e apreciar toda a delicadeza da situação

internacional, torna-se indispensavel retrotraír o exame a um periodo historico um pouco afastado, embora contemporaneo.

Não é desconhecido o isolamento em que a vizinha Espanha de ha muito vive, alheia inteiramente ao regime de alianças, que tem regido a politica internacional europeia. Afirma um dos mais brilhantes talentos da diplomacia espanhola que, desde Trafalgar até ao governo pessoal de Afonso XIII, isto é, durante mais de um século, aquêlê país não teve, no rigôr da palavra, politica externa. Esse isolamento, se tem tido brilhantes defensores naquele país, encontrou igualmente adversarios poderosos, que procuraram encontrar na aliança com uma grande potencia o meio de conseguir a realização das aspirações, que a nação de ha muito nutre para o seu engrandecimento.

Os primeiros defendem o isolamento adoptado aduzindo argumentos historicos: as guerras desastrosas do passado; as aventuras em que a Espanha se achou comprometida, redundantes do Pacto de Familia; as pequenas vantagens em tempo alcançadas das alianças com a Inglaterra e a França. Esta opinião lançou raizes no país, donde derivou não só o mediocre interesse votado a tudo quanto se passa além das proprias fronteiras, como a força de inercia com que foram acolhidas as instigações extranhas para a nação entrar em determinadas alianças ou acordos internacionais.

Seguidamente á restauração da monarquia, Canovas del Castillo entendeu, porém, dever procurar um apoio para esta na aproximação com as côrtes da Europa central, e nesse sentido aconselhou o casamento, em segundas nupcias, de Afonso XII com a arquiduqueza Maria Cristina de Austria. A aproximação da Alemanha tornou-se então evidente. O acolhimento distinto, que o joven monarca aí recebeu na viagem empreendida, em setembro de 1883, ás côrtes de Berlim e de Viena, revelando essa orientação, mereceu as atenções gerais. A distinção que lhe foi conferida pelo Imperador Guilherme I, concedendo-lhe o posto de coronel-proprietario de um regimento de hulanos, provocou tais despeitos internacionais, que, no seu regresso, ao atravessar Paris, o monarca espanhol foi fortemente assobiado nas ruas.

Este facto, bem como a visita que, logo no mês seguinte, o Principe Imperial Frederico fez a Afonso XII, em Madrid,

tornaram este soberano mais fervoroso adepto da politica alemã do que já o era anteriormente. Refere o Principe de Hohenloe nas suas *Memorias*, que o Imperador Guilherme I lhe contára, haver-lhe Afonso XII declarado formalmente, que a Espanha marcharia com a Alemanha, no caso de uma guerra contra a França. Ao que o velho Imperador lhe obtemperára «—que estava ainda novo e ardente e por isso deveria reflectir maduramente. A Alemanha contentar-se-ia com uma benevolente neutralidade—». Breve ocorreu, porém, o incidente das Carolinas, que foi o balde de agua lançado sobre tamanha ardencia, facto esse que deu mais um novo argumento aos que defendiam o isolamento politico da Espanha, ainda mais confirmados neste parecer pelo abandono em que, seguidamente, este país se encontrou de todo o apoio extranho na guerra com os Estados Unidos.

A prontidão com que a Alemanha e a Inglaterra declararam, em Washington, que mantinham a neutralidade nessa luta, e a sofreguidão com que, depois de ultimada, o governo alemão se apressou a entrar em negociações, aproveitando a crise financeira espanhola, para adquirir por uns vinte milhões as ilhas Marianas, Palaos e Carolinas, mais reforçaram a opinião dos que se manifestavam contrarios a qualquer politica de expansão e de intimidade com uma grande potencia.

E foi esta politica a que vingou indisputadamente, até que o actual monarca D. Afonso XIII atingiu a maioridade, que foi em 17 de maio de 1902. Desde então, não tem ele encoberto o fervente desejo de fazer adoptar pela Espanha uma politica internacional, que levante e consolide o seu prestigio nas chancelarias das grandes potencias. A questão marroquina serviu-lhe, desde logo, ao intento, prestando-se ela igualmente á luta diplomatica, que se travou entre a Inglaterra e a Alemanha, toda tendente á conquista da influencia na côrte espanhola. Por um momento se julgou que a Alemanha havia triunfado. Foi quando, no começo de 1904, se realizou a conferencia de Vigo, entre o Kaiser e D. Afonso XIII, da qual nada transpirou.

Essa impressão começou a desfazer-se, comtudo, ao observar que as primeiras visitas ao estrangeiro, feitas pelo novo soberano, foram a Paris e a Londres, verificando-se a de Berlim sómente no ano immediato. E logo ela se dissipou inteira-

mente ao saber-se, que seria inglesa a princesa escolhida por D. Afonso XIII para com elle se sentar no trôno.

Não permite o espaço, de que dispomos, recordar as violentas disputas e intrigas que se ergueram, tanto na Inglaterra como na Espanha, ao ser conhecida a escolha feita pelo monarca. A indispensavel conversão da princesa, que era protestante, levantou naquêlê pais um tal clamôr, que foi necessario para o abafar a intervenção pessoal do rei Eduardo VII como chefe da egreja anglicana. E, na Espanha, identico movimento se pronunciou, movido essencialmente pelos partidarios da aliança alemã, a cuja frente disse a imprensa encontrar-se a Rainha-mãe. D. Afonso XIII foi inteiramente surdo, porém, a tais clamôres e influencias, escutando sómente os impulsos do seu coração.

Na conferencia de Algeciras, em que se tratou da questão de Marrocos, os delegados alemães procederam inconsideradamente, provocando as susceptibilidades castelhanas, ao passo que a Inglaterra, pondo de parte antigas pretensões, acolheu de bom grado as aspirações dos representantes espanhois, concorrendo poderosamente para o reconhecimento de direitos, que, até então, havia tenazmente disputado ao país visinho.

Tais factos, coroados pelas gerais simpatias que a nova Rainha soube conquistar, concorreram para que bastante se amortecesse o azedume tradicional, com que o povo espanhol estava acostumado a apreciar tudo quanto provinha da Inglaterra. E foi assim, graças a essa transformação de sentimentos, que o chefe do governo e do partido liberal, que então era o falecido Moret, pôde sustentar publicamente com todo o calôr, e sem vivos protestos, a conveniencia de uma aliança com a Inglaterra, facto que ocorreu na memoravel sessão do Congresso de 17 de março de 1906.

Não permitiram as circumstancias que aquêle estadista executasse esse pensamento, por haver deixado o poder, mas os conservadores, que lhe sucederam, não alteraram a politica adoptada, e foi assim que Maura assistiu, em 10 de abril de 1907, á entrevista de Cartagena, da qual derivaram, em 16 de maio, as convenções mediterrânicas.

A attitude da Espanha em Algeciras e, sobretudo, a publicação destas convenções provocaram violentos acêssos de cólera da parte da imprensa officiosa alemã, que contribuíram

para mais desenvolver e apertar os laços de amizade do reino vizinho com a França e a Inglaterra. «Desde 1906, escreveu não ha muito tempo A. Tardieu em um livro ácerca de Espanha, todos os provados estadistas estavam de acôrdo com o Rei, em julgar que a Triplice *Entente* franco-anglo-espanhola constituía, não só a melhor garantia dos interesses espanhóis em Marrocos, mas ainda a salvaguarda mais valiosa da sua segurança europeia.»

Mas este parecer não era compartilhado igualmente por toda a nação. Não foram em numero reduzido os cidadãos, que continuaram a depositar a sua confiança na Alemanha, como sendo a potencia que melhor poderia coadjuvar a Espanha no conseguimento das suas duas grandes aspirações, que sempre foram a reocupação de Gibraltar e a União Iberica. Ainda então não havia surgido a terceira aspiração, de data recente, qual a da aquisição de Tanger, internacionalizada pela convenção de Marrocos, integrando-a no dominio espanhol.

Os que assim pensavam combatiam igualmente as demais convenções realizadas na questão de Marrocos, sustentando que o facto da delimitação das esferas de influencia nesta região havia prejudicado a velha aspiração nacional do dominio sobre toda ela. Não é agora ocasião oportuna de descrever e fazer revivêr as profundas dissensões ocasionadas pela questão marroquina na politica interna do país, as quais obrigaram a um compasso de espera na marcha das negociações entabuladas no sentido da adesão á *Entente* franco-inglesa.

No comêço de 1913 ainda os principais jornais de Madrid faziam notar os inconvenientes redundantes do isolamento do país, preconizando uns a aliança com a França e a Inglaterra, e outros com a Alemanha, segundo o modo de encarar o problema, mas a chegada inopinada a Madrid do miuistro da guerra inglês, que então era o coronel Seeley, contribuiu para tomarem corpo os boatos, que davam como bastante adeantadas as negociações para a conclusão de um tratado de aliança anglo-franco-espanhol, que faria entrar decididamente o país vizinho na esfera da influencia da *Triple-Entente*.

A eventualidade de uma aliança anglo-espanhola sempre a encarámos sem ciume, nem apreensão, como bons e leais amigos do reino vizinho, com quem os portugueses sempre desejaram manter uma politica de comunidade de interesses e de

estreitamento de relações comerciais, surgindo apenas as desconfianças e divergencias, e não por culpa nossa, quando se tem tratado de estudar a conveniencia de ampliar aquelas tendencias affectuosas até á realisação de uma aliança politica.

E, sendo assim sincera a nossa amisade pela Espanha, não será causa para estranhezas, que continuemos a adoptar como divisa para a exposição de ideias a formular ácerca da mais intima ligação politica com os nossos visinhos, aquêlê pensamento de tão subida ordem moral, que Molière formulou no seu *Mizantropo*, e o nosso Castilho tão finamente reproduziu nas seguintes palavras:

«que amor quanto é maior, mais quer verdade lisa».

Havíamos folgado em vêr a tendencia manifestada, da Espanha entrar franca e lealmente na esfera de atracção da Inglaterra para manter uma activa politica internacional, que lhe permitisse a ampliação e consolidação da sua influencia no Mediterraneo, na Africa e na America, porque, desde o momento em que ela havia reconhecido os inconvenientes da politica de isolamento, em que se mantinha desde longo tempo, nenhuma outra aliança poderia contrariar menos os nossos interesses nacionais, dada a lealdade do character anglo-saxonio, que jámais permitiria o esquecimento das velhas ligações internacionais pelas novas, como formalmente o declarou em tempo, no parlamento, o ministro dos estrangeiros Edward Grey.

Não alimentámos por isso, receios de que o entendimento da Inglaterra com a Espanha podesse vir a causar prejuizo ao nosso país. Já o dissémos em outra ocasião, mas não deixa de ser oportuno repeti-lo, que á Inglaterra só póde convir o *statu quo* na Peninsula Iberica. Formar desta uma só nação forte, á nossa custa, numa região avançada da Europa, que fórma nas relações comerciais com a Africa e a America o *caes do Atlantico*, seria erro em que jámais caíriam os estadistas ingleses, que, miram sempre e em tudo, á grandeza e conveniencias da sua patria. Para o seu insuperavel interesse só o que lhes convém, é a existencia na Peninsula de duas nações relativamente fracas, mas não tanto que não possam auxiliar a Inglaterra nas dificuldades, que venha a encontrar no caminho.

Em bastantes assuntos de politica internacional tem a In-

glaterra apresentado variantes no decorrer dos séculos. Um existe, porém, em que tem sido sempre uniforme o ponto de vista sob o qual o têm considerado os varios estadistas, que se succederam na direcção superior dos negocios externos: esse é a conveniencia de manter dividida a Peninsula Iberica em duas nações absolutamente autonomas.

Bem lhes bastava aos inglêses, como incessante preocupação de seus espiritos, o perigo germanico, para que levianamente viessem ajudar a constituir o futuro perigo iberico na nossa Peninsula. Portugal e Espanha, unidos, constituindo um só Estado, tornar-se-iam necessariamente uma grande potencia naval, a qual, cêdo ou tarde, buscaria conquistar o dominio do mar. O espectro de Filipe I, constituindo uma nova *Invencivel Armada* para ir ameaçar o poder britanico na sua propria séde, seria argumento bastante para que o verdadeiro soberano da Inglaterra, que é a opinião publica, jámais permitisse ao seu governo auxiliar, ainda que fosse com a inacção, a formação da unidade iberica.

Temos confiado sempre na solidez da aliança luso-inglês, menos ainda pelas vantagens que poderemos oferecer á Gran-Bretanha, por mais importantes que elas sejam, do que pelo consideravel perigo que viria a constituir para aquêlê país a unidade politica da Peninsula Iberica.

Emquanto a Inglaterra tiver assegurado o dominio do mar teremos nós correlativamente assegurada a inviolabilidade da nossa fronteira maritima. A Espanha só effectuou a conquista de Portugal, em 1580, por haver adquirido nessa época uma superioridade maritima tal, que lhe permitiu oito anos mais tarde empreender a conquista da Inglaterra, pretensão que não logrou conseguir por motivo da destruição da Invencivel Armada. A expedição maritima a Lisboa, dirigida pelo duque de Alba e pelo marquês de Santa Cruz, só foi concebida depois de reconhecidos por Filipe I, não só os numerosos obstaculos com os quais o exercito invasôr teria de se defrontar para obter aquêla conquista, mas a impossibilidade em que estavam os inglêses de impedir a dita operação. Martin Arrue, nas *Campañas del Duque de Alba* esclarece o assunto por modo a afastar quaisquer duvidas.

Até que ponto a opinião publica espanhola acompanharia hoje a orientação dos poderes superiores do Estado favoravel

á aliança com a Inglaterra, é o que, sómente, constituiu, ao tempo, a preocupação do nosso espirito. A divisão da Península Iberica em dois Estados independentes, mantida ha quasi três séculos com o apoio formal da Inglaterra, e, bem assim, o duro espinho cravado por esta nação em Gibraltar, que tanto tem feito sofrêr o altivo e nobilissimo patriotismo nacional, como transluz dos factos historicos, dos escritos dos pensadores e das palavras dos oradores contemporaneos, eram o que, no nosso modesto criterio, alimentavam a persuasão de que o povo espanhol não teria variado hoje muito do sentir, que êle traduzia pelo seguinte modo no tratado de aliança e garantia territorial concluido com a França, em 19 de agosto de 1796:

“Art. 18.^o Sendo a Inglaterra a unica potencia contra a qual a Espanha tem agravos directos, a presente aliança só terá execução contra ela durante a guerra, mantendo-se a Espanha neutra com respeito ás outras potencias armadas contra a Republica Francêsa.”

Os factos, que estão presentemente ocorrendo no país visinho, em que a opinião mostra decidida relutancia em que seja abandonada a politica da neutralidade, mantida desde a abertura do conflito, demonstra que essa nossa preocupação tinha bastante razão de ser.

Ora, para que as alianças sejam uteis e eficazes, torna-se indispensavel que sejam negociadas, interpretadas e executadas pelos pactuantes com toda a sinceridade, boa fé e fidelidade, o que exige não haja entre êles reservas mentais, nem ressentimentos por agravos recebidos. Se os aliados desconfiam uns dos outros, se o seu justo amor proprio se sente humilhado por qualquer contrariedade patriotica, a aliança póde considerar-se letra morta e não tardará a desfazer-se. Como bem o fez sentir Bluntschli, quando mais tarde se trata de saber se um dos contratantes póde contar com o apoio dos seus aliados, e se estes são obrigados a prestar-lhe o socorro solicitado (*casus fœderis*), cada Estado tem a liberdade de apreciar as circunstancias segundo o seu modo de vêr, visto a condição necessaria de toda a aliança militar ser uma guerra justa. Jámais aliado algum ficou obrigado a prestar o seu auxilio, quando se lhe tornou evidente que o Estado, a quem o prometeu, procede injustamente, seja recusando as suas pro-

messas, seja abrindo sem solido fundamento as hostilidades contra outro Estado. Recusar auxilio ao aliado em uma guerra iniqua não é romper uma aliança, é cumprir um dever imposto pelo direito internacional. Ora, em direito internacional, como bem disse Calvo, ainda se não chegaram a determinar com precisão os verdadeiros limites do justo e do injusto, o que facilita sempre a ductualidade do procedimento.

A sanção da doutrina exposta foi bem recentemente produzida pela Italia, recusando-se a acompanhar as suas aliadas em um guerra, que ela reputou injusta. E Guilherme II, procurando influir directamente junto do Rei Victor Manuel para demover o governo italiano dessa attitude, errou o caminho. Havia passado ha muito aquele tempo em que as alianças tinham por base quasi unica o affecto e conveniencia, que ligavam os chefes dos Estados pactuantes. Hoje, esses pactos contraem-se, ou por virtude do poder militar de cada um dos contratantes ou por outros fundamentos de ordem superior, a que não são indifferentes razões de ordem politica e economica e afinidades de raça. Mas, o que se torna indispensavel é que a conveniencia da aliança contraída constitua um credo inabalavel no coração do povo, que cada pactuante representa.

Ora, esta grande força é a que tem consolidado a aliança anglo-lusa atravez do decorrer dos seculos, e a que fez nutir a Bonaparte, quando primeiro consul da republica franceza, o empenho de a anular, fazendo assim com que a Inglaterra, segundo as suas proprias palavras¹: — *perdesse o ultimo aliado que lhe restava no continente* —, — aspiração esta que não conseguiu consumir.

Diz um respeitado escritor nacional que — *mais uma vez as chamadas razões de Estado, que absolvem para os espiritos faceis ainda as maiores perfidias, têm levado de vencida as prescrições sagradas do dever e da honra; mais uma vez a força do direito tem succumbido perante o abuso da força*. — Isto tem ocorrido, mais especialmente, quando o povo soberano se ergue terrivel e indomavel a contrariar a acção dos

¹ Acto da aprovação do tratado franco-espanhol, de 29 de janeiro de 1801.

poderes do Estado, sobretudo, se aquêlé é movido por um alto, embora errado, sentimento patriótico.

No exemplo alheio deve cada um aprender a lição, que lhe importa incessantemente manter fixada no espirito. A maior fraquesa da Triplice Aliança esteve sempre na debil sinceridade e fria vontade, que na Italia a opinião votava a esse pacto, porque esta nação se não conforma, nem se conformará jámais, não só que viva sob o dominio de uma potencia aliada aquella porção da patria, que denomina terra italiana *irredente*, mas que, com essa mesma aliada, tenha ainda que partilhar o senhorio do Adriatico, que os romanos apelidavam de «*Mare nostrum*» e os venezianos de «golfo de Veneza».

Ao escrever as precedentes considerações não houve o intuito de deturpar, envenenar ou sequer amesquinhar com indisculpaveis insidias a projectada aliança ou *entente* anglo-espanhola. O que se pretendeu foi investigar qual a solidez que tal pacto podia apresentar, dado o estado da alma do povo espanhol, porque este ponto de vista interessa directa e formalmente os nossos interesses nacionais, que devemos diligenciar manter assegurados nas variãs e persumiveis vicissitudes internacionais.

Oxalá estivessem inteiramente esquecidos no reino visinho os agravos, que consignava o artigo 18.º do tratado de 19 de agosto de 1796, e que mais uma vez se houvesse verificado a asserção de Perez Galdós, quando escreveu:—«Hay un gran médico del dolor, que se llama el doctor Tiempo. Perdida com la idea de la muerte la esperanza, ese señor medico hace maravillas en un par de semanas».

O ocorrido no reino visinho, desde a abertura do conflito actual, parece demonstrar que o principio exposto nem sempre tem tido ali incontestada applicação, não tendo bastado a acção do tempo para fazer olvidar totalmente agravos historicos.

Em artigo subsequente procuraremos examinar se tal aserto está ou não justificado pela lição dos factos presentes.

GENERAL MORAES SARMENTO

SUL D'ANGOLA

OS ALEMÃES INVADINDO A PROVINCIA

O massacre de Cuangar e a retirada em Naulila

Ao rebentar em agosto ultimo o conflito europeu envolvendo nas suas malhas as maiores potencias mal pensavamos que Portugal, país pequeno, de quasi nulos recursos militares, colocado no extremo ocidente da Europa, afastado portanto do teatro das operações, havia tambem de sofrer tão amargamento, como acaba de sofrer, as consequencias das ambições do povo germanico, que firmado no seu valor militar pretende impôr ao mundo civilisado a sua supremacia.

Mal pensavamos, diziamos nós, mas é que, como todos os outros, não haviamos refletido um momento sequer sobre a nossa situação perante o conflicto armado, não como potencia de valor, mas como potencia colonial.

Esqueceramo-nos, como todos os outros, que tinhamos por vizinhos no sul da nossa provincia de Angola, essa Alemanha, ambiciosa, sem preconceitos, despresadora do direito das gentes, é certo, mas mostrando em todos os seus actos a vitalidade dum povo a grandiosidade duma Nação.

Póde-se sentir por ela horror, desprezo mesmo, mas o que se não póde negar é que existe ali um Povo, muito conscio do que quer e deseja, e marchando, sem se desviar, do objectivo que pretendia atingir, com uma dedicação, e patriotismo dignas, senão de elogio — porque os processos empregados são desleaes, — mas de admiração, pelo menos.

E foi por esse esquecimento por parte de todos que se creou ao país esta triste situação — afastado da guerra na Europa, mas em guerra na Africa!

Poder-se-ia ter evitado esta situação?

A meu ver, não.

Não apreciando agora neste lugar, porque outro é o nosso intento, essa louca campanha feita a favor da participação de Portugal na guerra da Europa, quando quem a alimentava muito bem sabia os nulos recursos militares de que dispunhamos e que seria, a levar diante tal intento, não só caminhar para um suicídio inglorio mas talvez desfazer os créditos de que gozamos na Historia, chegamos no entanto á conclusão, de que *exactamente por esse motivo se encontra na guerra, quem tanto fez por ir para a guerra.*

Era isto que se devia ter visto e não se viu.!

No meu humilde modo de vêr, porém, julgo que se essa campanha muito ha contribuido para a má vontade da Alemanha contra nós, não devemos considerá-la como o *casus belli* o factor primordial da sua ação. Não.

E' certo que Portugal pondo-se incondicionalmente ao lado da sua aliada secular — a Inglaterra, — e dando desse procedimento tão solene demonstração enviou, por assim dizer, o seu cartel de desafio á Alemanha, porquanto ainda se não descobriu o meio de estar bem com uma Nação contra o qual nos coligamos com outra, mas ainda que o não houvessemos feito o resultado seria o mesmo.

Se não vejamos.

Ninguém acredita que o mobil da actual guerra europêa fosse o assassinio em Sarajevo dos archidukes de Austria, e, pelo contrario, todos creem que esse assassinio, senão até preparado, foi, pelo menos, o pretexto futil de ha muito esperado para fazer rebentar o conflito, pois que era necessario *agarrar a ocasião pelos cabelos.*

Para atingir o seu objetivo tinha a Alemanha tudo preparado, não esquecendo, com uma ordem e precisão admiráveis, o mais insignificante detalhe, tudo prevendo, tudo marcando como se a Europa fosse um largo taboleiro de xadrez, e ela jogasse uma partida contra todos os outros parceiros.

Ora nessa sua providencia não se podia ela ter esquecido de que possuia colonias.

E não se esqueceu.

E' assim que, para impedir a invasão de sua colonia da Da-

raland, no sudoeste africano, pelas tropas inglesas da União Sul Africana, ela alimentou e preparou ali uma revolta dos boers, aproveitando-se para tal fim dos desejos de independência absoluta que muitos ainda nutrem, saqueosos de se libertarem da influencia da Inglaterra; é assim que — e agora entramos nós na combinação — a Alemanha, prevendo a hipótese — já dada — de se ver privada de enviar recursos áquela sua colônia, procurou os meios de poder ir ao nosso territorio buscar aquilo de que necessitasse, já por meios pacificos, empregando para isso a astucia dos seus concidadãos residentes na Huila, e até das autoridades consulares, já usando de meio violentos, se tanto preciso fosse.

Portanto quer-me parecer que, quer nós quizessemos quer não, seríamos pela força das circunstancias levados á actual situação, porquanto, ao passo que — como de costume — deixamos correr tudo ao desbarato, e confiadamente permitiamos que uma missão de engenheiros alemães fosse enviada a Angola para estudar o prolongamento do nosso caminho de ferro até á fronteira, a Alemanha dava a essa missão outro objetivo mui diferente, para cujo exito o primeiro era apenas apparencia enganadora para os cegos como nós, incumbindo-a, ou de promover uma revolta boer no Planalto contra nós, ou de procurar reconhecer em todos os seus detalhes os recursos de que dispunhamos!

E essa missão partiu para Angola pouco tempo antes de se romperem as hostilidades, á qual foram agregados dois ilustres officiais do nosso exercito.

A primeira expedição

Qual a missão do comandante Roçadas?

Rebentara a guerra. Uma torrente de fogo preparava-se para destruir uma civilisação levando aos países em luta todo um cortejo de horrores: a fome, o luto, e a miseria.

Estava-se a 2 de agosto de 1914 e poucos dias depois o governo portuguez tomava a resolução de enviar ás colonias portuguezas de Angola e Moçambique dois destacamentos de tropas expedicionarias confiando respectivamente os seus coman-

dos a dois ornamentos do nosso exercito, os tenentes coroneis Alves Roçadas e Massano de Amorim.

Qual a missão destas forças. Ainda ninguém o sabe porque pessoa alguma o disse.

A «Ordem do Exercito», porém, que punha á disposição do ministerio da colonias essas forças expedicionarias declarava que elas tinham por missão guarnecer as fronteiras, sul de Angola e norte de Moçambique. Seria essa a sua unica missão?

Talvez não, pelo menos pelo que respeita ao destacamento d'Angola.

Pela brilhante campanha de 1907 dirigida pelo proprio Roçadas nós havíamos conseguido dominar os cuamatás, mas, como sempre, operando por doses, deixamos por submeter os cuanhamas, não menos inquietadores do que os primeiros, de modo que continuáramos a não ter no territorio cuanhama nem dominio nem prestigio.

As suas costumadas razzias nas povoações limitrofes, o nulo respeito que nutriam pelas nossas autoridades havia-os levado a atacar, poucos mezes antes, uma força nossa de comando de um 1.º sargento, desbaratando-a apreendendo-lhe uma peça Ehrhardt.

Receou-se, pois, que os cuanhamas levados por influencias estranhas aproveitassem a occasião para se sublevar, e, assim, por ser azado o momento, nós enviávamos a Angola um corpo expedicionario para regular de vez a situação no sul da provincia.

Ter-se-hia pensado no perigo alemão?

Não decerto; ninguém pensou em tal, e Roçadas partindo para Angola a 11 de setembro levando uma força insignificante sob o seu comando — 61 officiaes, e 1.500 praças — constituida apenas por um batalhão de infantaria, uma bateria de artilharia, um esquadrão de cavalaria, e uma bateria de metralhadoras, mal imaginava que iria encontrar no sul de Angola uma situação difficil a resolver, para a qual se não havia nem o haviam preparado.

Nessa ocasião poucos eram, segundo parece, os conhecimentos que se possuia de que a Alemanha poderia dispôr em tropas no sudoeste africano: ou calculos optimistas em extremo, ou exagerados em pessimismo.

Ao passo que uns afirmavam que na Damaraland se poderia

organisar um forte exercito de 9 a 10.000 homens, dispondo de excelentes cavalos, magnifica artilharia, outros limitavam a 4 ou 5 mil os recursos militares da referida colonia.

Quem acertava afinal?

Ninguem o sabe, e estou mesmo em afirmar que ao passo que nós desconheciamos tudo quanto dizia respeito aos nossos incomodos visinhos, eles, pelo contrario, conheciam perfeitamente o que se passava em nossa casa!

Impulsivos em extremo, supozemos ao dar o adeus aos nossos soldados, que eles iriam ali buscar sómente louros, não imaginando sequer numa possivel e provavel derrota!

E a essa hora já a Fatalidade nos espreitava!

Fatalidade, pela grave imprudencia praticada organisando á pressa um corpo expedicionario, sem uma missão definida, sem — e é este um dos maiores erros que se praticaram — o estabelecimento previoduma linha de etápes, que garantisse ás forças em operações o seu rapido abastecimento.

Fatalidade, porque se não mediram as consequencias da nossa situação perante o conflito europeu, e não se viu de antemão que havia 99 probabilidades contra uma a favor de não virmos ás mãos com os alemães em Africa e que a dar-se tal caso era insufficientissima a força que ali poderíamos opôr aos invasores do nosso territorio.

Fatalidade, porque tudo isto se fez, regateando á defeza de Angola tudo quanto esta carecia, só pensando em enviar uma divisão a França, nós que de exercito apenas possuimos um simulacro, e que, agora mesmo, temos de cercear a ida de medicos para o ultramar sob pena de ficarmos sem eles na metropole, tão reduzidos são os nossos quadros; em enviar uma divisão auxiliar, nós, que destacámos as baterias de artilharia sem a dotação completa de tiros por não possuirmos munições em numero suficiente; que comprámos á pressa cavalos e muares para com eles dotarmos as unidades expedicionarias; que nos temos visto em apuros e serias dificuldades para organizar os quadros inferiores de sargentos e cabos; que enviamos para uma campanha, artilheiros, que mal sabem servir-se das peças, e soldados com insufficiente instrução de metralhadoras!

Fatalidade, porque organizar, assim, expedições, mercê do estado actual do nosso exercito é, não tentar alcançar uma vitória, mas preparar de antemão uma derrota.

Hoje, portanto, que perante as forças alemãs fomos obrigados a retroceder depois de havermos sofrido baixas apreciáveis, ocorre-nos o direito de perguntar:

Qual era a missão que foi confiada ao tenente coronel Roçadas?

Que objectivo houve em vista ao enviar a Angola o primeiro destacamento expedicionario?

E qualquer que seja a resposta, quasi podemos afirmar que dela resultará a convicção de que em tão meticulosa questão *apenas houve*, imprevidencia!

No entanto não se pode admitir que num ministerio de que fazia parte Freire de Andrade, colonial prestigioso e militar distinto, que sabe por experiencia propria o que seja uma campanha colonial, se podesse ignorar ou esquecer o muito que haveria a fazer para dotar o corpo expedicionario de Roçadas para o desempenho dessa missão difficil, com todos os elementos de defesa.

O que se teria dado, pois?

Num interessante artigo, pelo sr. Freire de Andrade publicado já depois de haver deixado a pasta dos estrangeiros, na *Revista Colonial*, ocupando-se da campanha de Angola, diz aquele ilustre official:

*A Africa Ocidental alemã, tem uma população de perto de 12:000 europeus e uma força armada de perto de 3:000 homens, incluindo a policia. Como uma grande parte dos colonos são antigos soldados, *agora mobilisados*, é de bom aviso contar que aquela colonia poderá dispôr de uma força de 9:000 homens, bem armados, dispondo de artilharia e metralhadoras, força esta que terá de fazer face aos ingleses do Cabo, e, no caso de nos tornarmos beligerantes, ás nossas proprias tropas. Devemos contar que uma parte das forças alemãs sejam montadas porquanto, segundo as estatisticas de 1913, alem de 13:000 cavalos, a colonia dispunha de 12:000 mulas e de 790 camêlos.

*Os caminhos de ferro do Oeste alemão, poderão, com relativa facilidade transportar as forças alemãs do norte para o sul e vive-versa, levando-as até pouco mais de 200 quilometros da nossa fronteira, sendo o territorio a atravessar para atingir esta, arido, e com pouca agua.

*Comparando as facilidades de transporte de Angola com as da colonia alemã *ver-se-ha que elas são a favor desta ultima e*

como pouco se pode contar com carregadores indigenas para operações de guerra, prudente será enviar desde já para Angola, um numero grande de muares não inferior a 3:000, se quizermos dar mobilidade ás forças que ali temos, como é indispensavel, tanto mais que não será facil contar com carros boers, porquanto estes são em numero limitado e os *spans* de bois de tração não se podem improvisar com rapidês.

«Desde que se rompam as hostilidades entre Portugal e a Alemanha será provavel que esta ataque a nossa colonia de Angola?

«E' possivel, mas não é provavel que o faça com energia e vigor, porquanto desejará reservar as suas forças para se opôr ao ataque inglêz, quer ele seja dirigido do Cabo, quer ele seja feito com tropas de desembarque que entrem em Swakopmund, quer por Angra Pequena.

«Se, porém, a Alemanha atacar a nossa colonia, tudo deveremos fazer para vingar a injuria e castigar com vigor os que atentarem contra a nossa soberania.

«A nova zona de defesa deverá concentrar-se perto do terminus do caminho de ferro de Mossamedes, a fim de evitar uma extensa linha de serviços da rétaguarda, que será difficil de manter.

«*Em vez de espalhar as nossas forças de modo a procurar ocorrer á defesa duma fronteira de mais de mil quilometros, deveremos concentra-las e deixar que os obstaculos naturais desordenem e cancem os invasores.*

«Deveremos tomar como exemplo, a campanha da Russia e pelos mesmos motivos seguir a mesma tática!!»

Assim põe o ex-ministro dos estrangeiros por uma forma bem clara e positiva a questão d'Angola.

Pois bem.

Sabia-se que os alemães poderiam dispôr de forças bem montadas, e nós só enviámos com Roçadas um esquadrão de cavalaria, e compráva-se á pressa gado para a reconstituição dos esquadrões de dragões, um dos quais fôra suprimido pouco tempo antes, por desnecessario, pelo atual governador geral Norton de Matos.

Sabia-se que os alemães disporiam de boa artilharia, e nós mandávamos apenas com Roçadas, uma simples bateria de montanha.

Sabia-se que os alemães disporiam de metralhadoras e nós apenas enviávamos a Angola uma bateria.

Sabia-se que as unidades de Angola tinham os seus quadros de oficiais reduzidos e nós não satisfazíamos as requisições dali vindas, senão por dóses homœpaticas, porque o ministerio da guerra não nol'as podia fornecer, sob pena de desfalcar os efectivos da lendaria divisão auxiliar.

Sabia-se que nas unidades de Angola havia falta de sargentos e cabos e pelos mesmos motivos não os podíamos mandar.

Sabia-se que as forças enviadas a colonia deviam ter outra missão que defender a fronteira sul, de mais de mil quilometros, e no entanto foi esta a missão official que se deu ao destacamento de Roçadas!

Portanto, somos forçados a concluir, que não foi a ignorancia que levou a praticar erros cujas consequencias desastrosas principiámos já a sofrer, mas que simplesmente se ha procedido com uma boa fé que não daria motivo a censuras, se camaradas nossos não houvessem perdido a vida no solo africano, uns em luta com as tropas alemãs, outros por elas massacrados.

A explicação de tudo isto, é, porém, facil. Contára-se com a invasão de Damaralandia pelas tropas inglêsas e a revolta boer tudo fez fracassar!

Deu-se connosco o mesmo que se deu com a Alemanha ao contar com a Italia.

Falhou.

O combate de Naulila ou o incidente de fronteira

As breves considerações que acima fizemos sobre a imprudencia que se praticou enviando Roçadas a Angola sem uma missão definida, são apenas o reflexo do nosso estado de alma perante o que temos visto, e o muito que temos ouvido sobre a nossa situação naquela Colonia, e que tem a justificar-as de sobejo a narração sucinta que vou fazer do drama que ha pouco se desenrolou nas margens do Cunene.

Não está ainda feita oficialmente a historia do que se ha passado entre as nossas tropas e as alemãs, mas o que a tal respeito se sabe por via particular com relação ao primeiro incidente da fronteira, — chamemos-lhe assim — dispensa e substituem o relato official.

Após a ocupação do Cuamato em 1907 foram estabelecidos na região diferentes postos militares, e, posteriormente, montados outros, como sentinelas vigilantes da fronteira sul.

Era presentemente o de Naulila o mais proximo da zona neutra que separa as fronteiras luso-germanica, e havia de ser ele que teria a primasia de sofrer o embate da acção brutal dos alemães.

Comandava-o o alferes Sereno, de nome, mas oficial energico e valente, pertencente a um dos esquadrões de dragões.

Subordinado como estava ao comando militar do Cuamato, recebia ordem em meados de outubro para prender e desarmar uma força alemã, composta de 2 oficiais, 1 sargento e 12 soldados europeus e 20 indigenas que se achava no nosso territorio e á distancia de 12 quilometros do posto militar de Naulila.

Cumpriu aquele official a ordem recebida e chegou ao contacto com a força alemã em 18 de outubro.

Interrogando o official alemão sobre os motivos da sua permanencia com praças armadas em territorio português recebeu como resposta que vinha em perseguição dum desertor e que pretendia além disso falar com a autoridade do Humbe para obter licença para ir para o Lubango.

O alferes Sereno fez vêr ao official alemão, que só o capitão-mór do Cuamato lhe poderia conceder a licença desejada, pelo que o convidou a acompanhá-lo junto daquela autoridade.

No dia seguinte marchou o alferes Sereno para Naulila acompanhado pelo comandante alemão, 2 oficiais, um soldado europeu e 3 indigenas,

Mandou, ao chegar áquele ponto, apegar, desaparelhar e dar ração ao gado, e em seguida fazer o almoço a fim de receber condignamente os officiaes alemães e findo êle seguir para o Cuamato.

Emquanto, porém, eram executadas as suas ordens, um 1.º cabo vinha avisar o alferes Sereno de que as praças alemãs estavam aparelhando á pressa.

Em face da informação dada o official português disse ao comandante alemão que não mandasse aparelhar pois que depois do almoço é que deviam seguir para o Cuamato.

O official alemão fez-se no entanto desentendido, dirigiu-se com os seus para as montadas, e, sem fazer caso das observa-

ções do alferes Sereno, saltaram para os cavalos dispostos a partir.

Ao vêr-se assim ludibriado e reconhecendo que outro era o intuito da força alemã, que não o invocado por eles, o alferes Sereno lançou as mãos às redeas da montada do comandante da força intimando-o a não partir, pois que tinha de o apresentar na capitania-mór do Cuamato.

O official alemão não se intimidou.

Julgando, talvez, forte desconsideração para o seu orgulho germanico, o acto do alferes Sereno, lançou rapidamente mão da sua carabina e apontou-a ao peito daquele official que ali representava a soberania de Portugal.

A scena passou-se rapidamente.

Avisado, a tempo, por um 1.º cabo do movimento do official alemão o alferes deu ordem de fogo.

O comandante e os officiaes alemães foram mortos, o soldado europeu ficou prisioneiro, evadindo-se os soldados indígenas!

Era este o prologo do drama que se ia desenrolar; e das tenções pacificas dos alemães são testemunho eloquente a recusa dos officiaes alemães em irem á presença do capitão-mór do Cuamato e na sua retaguarda se encontrarem mais forças, que retrocederam.

O seu objectivo era levarem os generos de 11 carros boers que o proprio alferes Sereno aprisionou durante o serviço de vigilancia de fronteira em que andou durante 27 dias.

Os generos destinavam-se á Damaraland e eram enviados pelo consul alemão no Lubango G. Schöss!

A simples narração dos factos passados justifica bem o que atraz dissémos: a necessidade de obter recursos no nosso territorio havia de obrigar os alemães a adquiri-los já pela astucia, já pela força.

Encheu-nos de legitimo orgulho o desforço tomado pelo alferes Sereno ao vêr-se assim desrespeitado.

Parece, porém, que o seu acto não caíu no agrado, porque o governador geral de Angola exonerava pouco depois de comandante militar do Cuamato e do posto de Naulila os officiaes que exerciam essas funções.

Como receberam os alemães o desforço dos nossos soldados?

A breve trecho eles o iam demonstrar patenteando que, quer em Africa, quer na Europa, os seus processos de fazer a guerra são sempre revoltantes não tendo a enobrece-los nenhum acto de grandesa moral, que compense os horrores que a guerra causa.

O massacre do Cuangar

Colocados no extremo sudeste do distrito de Huilla haviam sido estabelecidos, durante a acção governativa de João de Almeida, que áquele distrito dedicou as suas grandes faculdades de trabalhador incansavel, os postos militares do Cuangar, Bungà, Sambio, Dirico e Mucusso, fazendo os dois primeiros parte da capitania-mór do baixo Cubango.

Ao passo que entre nós tudo está quasi por fazer, e que mantinhamos aqueles postos militares puramente isolados do centro do distrito sem haver meio de prontamente lhes ser prestado qualquer socorro, a uma distancia de algumas centenas de quilometros, os alemães, pelo contrario, teem dado na Damalaland um grande desenvolvimento ás vias de comunicação, estando todos os postos militares ligados por linhas telegraficas e estradas carreteiras.

Ao passo que entre nós o caminho de ferro de Mossamedes pouco mais adeantado está do que nos dois primeiros anos da sua construção — e já lá vão oito anos! — os alemães têm tambem mui desenvolvida a sua rêde ferro-viaria.

Para bem se compreender isto basta dizer que a linha ferrea parte do porto de Swakopmund para Atavi, centro de uma importante região mineira na colonia do qual partem dois ramais.

Um destes ramais segue aproximadamente para a nossa fronteira na direcção de Naulila o outro dirige-se para leste da colonia em direcção ao Cuangar e Dirico.

Este ultimo ramal dista 3 a 4 dias, a cavalo, do Cuangar.

Sofrendo o vexame de Naulila e vendo infrutiferos os seus esforços para se aprovisionarem, conduzindo para o seu territorio os mantimentos que carreteiros boers, bem pagos, decerto, lhes levavam, os alemães imaginaram obter esses recursos pelo extremo sudeste do distrito, onde a vigilancia era frouxa, e diminuto o efectivo das forças que se lhes poderiam opôr.

Podiam, no entanto, usando de processos dignos, invadir a nossa provincia de Angola por esse ponto, derrotando, mas em combate leal, as forças que ali representavam a soberania de Portugal.

Mas isso, obedecendo ás leis da guerra, poderia causar-lhes ainda perda de vidas, pois eles não ignoravam que a peito descoberto ter-se-iam de haver com Ferreira Durão, official valente, e duma coragem por mais duma vez posta á prova, que saberia morrer com honra no posto que lhe havia sido confiado.

Não era isso o que eles desejavam, não lhes fosse a sorte adversa, e por um acaso de guerra não pudessem levar por deante o seu intento.

Foi posto, pois, de lado esse plano e executaram outro mais tenebroso, é certo, mas mais em harmonia com os seus usos e costumes.

Surpreender de noite a pequena guarnição do forte, sufocá-la, matando primeiro os officiais, para que ao seu infame acto não podesse corresponder a menor reacção, foi o grande plano estrategico que os mestres da arte da guerra resolveram pôr em pratica nas margens do Cubango!

E se bem o pensaram melhor o executaram.

O assalto ao posto militar do Cuangar, cuja guarnição se sabia ser reduzida, e á qual socorro algum poderia ser prestado, pela forma barbara como foi praticado, parece mais um ataque por surpresa levado a cabo por tribus selvaticas, que uma acção de pequena guerra dirigida por officiais europeus.

Parece que os officiais alemães despeitados por não poderem levar a melhor em Naulila e não haverem conseguido internar na Damaraland os mantimentos dos carros boers aprisionados pelas autoridades portuguezas quizeram, como revanche, e com uma atrocidade sem nome, vingar-se do que não fôra mais do que o exercicio dum direito da nossa parte.

Eis como os factos se passaram.

Os alemães aproximando-se da nossa fronteira mantiveram-se porem, a uma distancia tal que permitisse ás autoridades portuguezas continuar no desconhecimento da visinhança de forças alemãs, mas que pudesse tambem ser facilmente transposta, apenas em algumas horas de marcha, para cair de subito sobre a pobre guarnição adormecida.

E foi o que se deu.

Estava-se a 31 de outubro.

Oficiais e praças descansavam, mal imaginando no seu isolamento, afastados de todo o convívio, que *aves de rapina* aguardavam o momento propício para saltar sobre eles, não lhes dando tempo sequer para se defenderem com armas na mão.

Talvez mesmo que, apesar de decorridos já três meses que na Europa se achava travada a guerra, eles desconhecessem ainda esse facto, e que pessoa alguma se houvesse lembrado de participar a essas vedetas da soberania portuguesa no sertão, que deviam redobrar de vigilância e de cautela.

Talvez!

O que é positivo, é que no posto militar do Cuangar não havia mais do que a vigilância ordinaria insufficiente para um ataque por surpresa, e demais a mais ataque em que foram co-niventes, — se não tomaram parte eles proprios — indigenas das margens do Cubango.

A guarnição dormia, mas o seu despertar ia ser terrivel!

De repente, no silencio da noite — eram 3 horas da madrugada — a guarnição foi sobresaltada pelos tiros disparados pelas sentinelas, que ecoando no espaço, eram como que o grito de *álerta* dado por quem, firme no seu posto respondia a um ataque imprevisto e inesperado.

As praças levantam-se como desvairadas e, supondo que eram vitimas de algum ataque traiçoeiro do gentio correm a armar-se.

Era já tarde!

No forte de Cuangar tremulava já a bandeira alemã, e assestadas contra a guarnição, metralhando-a, as peças e metralhadoras do proprio forte!

Que se haveria passado?

Não há meio de o saber com precisão, porque dos graduados foram mortos o tenente Ferreira Durão, o 1.º sargento Angelo de Almeida Xavier e desapareceu o tenente Henrique José Sousa Machado.

Teriam os dois primeiros sido assassinados no seu proprio leito, ou tendo tentado organizar a defesa do forte, foram metralhados? Ignora-se.

A rapidez do ataque, o facto de os alemães se terem apoderado das peças e das metralhadoras do proprio forte, leva a

crêr, que eles tinham perfeito conhecimento do que se passava a dentro da fortalêsa e que com a conivencia dos indigenas da região puderam praticar um acto infame que não os enchendo de legitimo orgulho enxovalhou pelo contrario a farda de quem dirigiu semelhante ataque.

Só indigenas selvagens poderiam proceder por esta fórma!

O que ocorreu depois?

Facil é calcula-lo.

Aqueles que puderam escapar á carnificina, impotentes para se defenderem, procuraram na fuga o unico recurso que lhes restava, e, semi-nús, arrastando-se pelo mato, vivendo de frutos selvagens, assim se mantiveram durante alguns dias até alcançarem o posto mais proximo onde apavorados levaram a noticia do massacre.

Senhores do forte do Cuangar ter-se hão os alemães ali estabelecido fazendo base de aprovisionamentos para a sua colonia, ou, praticado o acto revoltante de massacrarem uma pequena guarnição, teriam recolhido ao seu quartel general levando atraz como trofeu, á guisa de gentio, a cabeça de algum soldado português?

Não o sabemos, porque de tais detalhes não têm os governos dado conhecimento ao público e as informações particulares são a tal respeito mui deficientes e até contraditorias. Poder-se hia e dever-se hia ter evitado o desastre do Cuangar?

Certamente que sim. Se, após, o rompimento das hostilidades na Europa, alguém tivesse pensado na situação em que nos poderíamos vir a encontrar, atenta a visinhança da colonia alemã no sul da nossa provincia de Angola, e se, quem tinha o dever de o fazer, houvesse refletido sobre o perigo em que se encontravam todos esses postos militares fronteiriços, abandonados a si proprios, quasi que sem elementos de defeza para uma luta seria, uma resolução teria sido tomada — abandonar esses postos, central-os á retaguarda em pontos, onde mais facilmente lhes podesse ser prestado auxilio.

Nada disso se fez, e a imprevidencia deu como resultado perdermos a vida de camaradas nossos, e termos recebido um grande enxovalho.

O segundo ataque a Naulila — A brilhante acção da cavalaria portuguesa

Estava, porém, escrito que outro revez e de maior importância nos estava ainda reservado sofrer.

Logo depois do incidente de Naulila, em que desempenhou um papel preponderante o alferes de cavalaria Sereno, marcharam para o sul forças do destacamento expedicionário de Roçadas, constituídas principalmente pelas companhias de infantaria 14, a bateria de metralhadoras, e da guarnição da provincia, artilharia, esquadrões de dragões e companhia indígenas, landins, cujo valor e coragem são por demais conhecidos.

O plano, segundo parece era impedir a travessia do rio Cunene ás forças alemãs, que pretendessem atingir o Planalto, objectivo este que estes não poderiam alcançar sem serias dificuldades a vencer, mas que a prudencia aconselhava a considerar como possível conhecida a firmeza com que os alemães executam qualquer plano, ainda o mais audacioso.

Não veio ainda a publico o relato do que se passou por ocasião do 2.º ataque a Naulila.

O governo, que a estas horas já deve ter em seu poder informações detalhadas e minuciosas, limitou-se a dar a publico uma nota officiosa narrando sumariamente o que se tem passado, e indicando as perdas sofridas pelas nossas forças.

O que se sabe, porém, é por si só bastante para se avaliar que nesse formidavel embate ocorrido em meados de dezembro nas margens do Cunene entre forças portuguesas e alemãs, os nossos soldados se foram repelidos perante a superioridade numerica do inimigo não retrocederam sem lhes haver infligido perdas importantes.

Boatos propalados de proposito, malsinando tudo, davam o desastre, não como resultante de uma retirada, mas sim como consequencia duma fuga desordenada, em que a honra do exercito ficara manchada, e em que o «salve-se quem poder» fôra a ordem mais de pronto cumprida pelos bisonhos soldados da expedição.

Não. Bastava o acto heroico praticado pelo esquadrão de dragões da Huila para salvar a honra da força armada.

Teria havido desfalecimentos, hesitações, menos firmeza no sustentar o ataque por parte dos nossos?

Sim, é possível, e até natural que isso se desse, desde que todos sabemos a forma como entre nós se organisam expedições coloniais, mormente agora, pelo sistema miliciano, em que o aldeão de hoje, arrumando ao canto da choupana a sua enxada ou a ferramenta do officio, é o soldado de amanhã, chamado ao activo, tendo perdido durante o periodo do licenciamento, os poucos conhecimentos militares que lhe foram ministrados numa instrução intensiva; sabendo-se, que enviamos ás colonias soldados na idade mais impropria para poderem resistir ás fadigas das marchas executadas muitas vezes sob um sol abraçador, á ação deletéria de vigílias depauperantes, e a todos esses males, que constituem a característica das campanhas colonias.

Parece que efectivamente o tenente coronel Roçadas ao dar conhecimento do que se passava se referiu á pouca firmeza dos soldados do 14 e até dos proprios landins, cuja fama de soldados insensíveis á fadiga e corajosos é por todos apreciada.

Assim seria, com effeito.

Esqueçemo-nos, porém, todos de que se a organização das nossas forças foi deficiente e cheia de defeitos, os alemães, pelo contrario, haviam de ter enviado á invasão do nosso territorio em Africa tropas escolhidas, constituídas por soldados de saber, e não por curiosos; por homens aclimados á vida dura do sertão e não por pobres recrutas a maioria dos quais talvez tivessem visto o mar pela primeira vez quando atravessaram o Atlantico em direção a Africa!

Essa differença era essencial, e a narração sucinta que vou fazer do combate de Naulila provará o que acima digo: teria havido actos de menos firmeza, vacilações, mas o que não houve foi fuga desordenada, como ao principio se propalou.

O esquadrão de dragões sacrifica-se permitindo aos nossos uma retirada honrosa

Estavamos a meados de dezembro.

Forças alemãs, cuja concentração se vinha fazendo havia pouco, atravessaram a fronteira na direcção de Naulila e pretendem atravessar o Cunene.

Nós defendíamos essa passagem em dois pontos: em Calveque e em Naulila.

Superiores em numero e possuindo boa cavalaria estavam os alemães em excelentes condições para tomarem a ofensiva.

Em compensação, nós de pouca cavalaria dispunhamos.

Os alemães tomando posições primeiramente proximo de Calveque, afastam-se em seguida em direcção a Naulila, ponto que parece estava de antemão escolhido para ser teatro das suas façanhas.

Em Naulila não tínhamos nós cavalaria, em contrario do que se dava em Calveque.

E' contra Naulila que o inimigo se lança com ardor, destruindo primeiramente pela artilharia as instalações do posto militar ali montado.

Recebem os nossos o seu embate e ao fogo inimigo respondemos com igual ardor.

A luta desde o principio manifestou-se, porém, desigual.

Perante a impetuosidade do ataque, as nossas forças hesitam e vacilam, mas essa hesitação é por pouco tempo.

Os officiais impondo-se, conseguem levar os soldados, e tomando a ofensiva, efectuar contra-ataques, mas a superioridade das forças alemãs esmaga-os.

A retirada impõe-se, mas é necessario proceder por forma que ela não represente uma fuga.

E' então que entra na luta o esquadrão de dragões que se encontrava em Calveque, e que sabedor do que se passava, vinha a marchas forçadas, prestar o seu valioso concurso ás forças de Naulila, onde, como dissémos, não havia forças desta arma.

Ao entrar no campo, o comandante da força, — o tenente Aragão, segundo desde logo se presupõe — viu de relance a situação critica em que as forças portuguezas se encontravam.

Lutava-se desesperadamente, mas a derrota era já inevitavel, porque o inimigo, dispondo, como dissémos, de boa cavalaria, tentava envolver-nos, colocando-nos, portanto, entre dois fogos.

E' então que o esquadrão de dragões se lança como um furacão sobre o flanco do adversario, em cujas fileiras, quais cavaleiros da idade média, os nossos soldados abrem sulcos, levando a confusão, embrulhando-os e desnorteando-os.

Luta-se com ardor febril; o inimigo sofre já perdas impor-

tantes, mas eis que a seu turno lança sobre o heroico esquadrão as suas reservas, que causaram aos nossos grande numero de baixas.

O efectivo dos pelotões de dragões é reduzido como por emquanto; uns jazem no campo, outros perdem-se ou ficam prisioneiros, mas os heroicos dragões, cumprindo o seu dever haviam, sacrificando-se, permitido que as nossas forças se tivessem retirado em ordem, concentrando-se á retaguarda, em pontos estrategico, e onde a defensiva se podia efectuar mais eficazmente!

São as duas companhias d'infantaria 14 e esquadrão de dragões, que sofreram o maior numero de baixas, e que na totalidade orçam por sessenta entre mortos e feridos.

Perante esses que no campo da batalha pereceram descobrimo-nos respeitosos, pobres camaradas a quem uma luta desigual prestou no cumprimento do seu dever de soldados.

Resta-nos, porém uma uma consolação na dôr que nos aflige: é que ali, batalhando nas margens do Cunene, bisonhos soldados duma nação pequena, de nulos recursos militares, fizeram frente a soldados duma nação essencialmente militar, lutando com coragem e bravura e disputando palmo a palmo o terreno invadido.

Honra, pois, a todos esses que se sacrificaram pela Patria, e souberam morrer com brio e gloria!

A linha de étápes — Mal estabelecida creou às tropas em operações uma critica situação

Vae já longo em demasia este nosso artigo.

Escríto, porém, para camaradas é necessario dizer-lhes tudo para que se saiba toda a verdade nesta questão «Sul de Angola» resuscitada tão abruptamente e que já deu lugar ao cometimento de erros importantes.

Um dos principais, foi, como dissemos, o não se ter estabelecido previamente uma linha de étápes que garantindo às tropas os necessarios abastecimentos lhes permitisse resistir aos males fisicos que atacam o europeu em Africa e mormente em serviços de campanha.

Tendo de se operar a perto de 500 quilometros do litoral de Mossamedes, e existindo um caminho de ferro, cuja cons-

trucção parece que foi malfadada, permitindo o acesso sómente até á base de Chelas, calcula-se e avalia-se bem que cuidadoso e meticoloso não deveria ser o estabelecimento dessa linha, onde em armazens de antemão construidos se guardassem com religioso cuidado a alimentação dos homens e a dos solipedes.

Principiam já a levantar-se na imprensa protestos contra a fórma como foi organizada a primeira expedição do comando do tenente-coronel Roçadas, a que já respondeu o então ministro das colonias engenheiro Lisboa de Lima, mostrando que áquele official fôra dada a maior iniciativa para o desempenho da sua missão, e que por parte do ministerio das colonias peia algumas lhe fôra imposta.

Efectivamente assim é. Dos defeitos que houve na sua organização ninguém tem culpa, porque a expedição organisou-se com os elementos que o exercito possuia.

Eram bons eram maus?

Não sei. Era os que havia.

A Roçadas marchando para Angola jámais de certo passou pela mente a ideia de que chegaria alí ás mãos com os alemães ou, pelo menos, nas condições em que este facto se deu.

Contava-se, como já mostramos, com a invasão de Damara-land pelas forças inglêsas de União e a revolta boer veio, retardando essa ação, tornar possivel a invasão dos alemães na nossa provincia de Angola, facto este com que jámais se contou não resta duvida.

Mas do que tambem não ha duvida, é que Roçadas procurou dotar a sua columna com todos os elementos de que carecia para o bom desempenho da sua missão e ainda para que aos seus subordinados cousa alguma faltasse.

Um mez antes de partir Roçadas telegrafara para Angola pedindo se trabalhasse na constituição de linha de étápes, para que ao chegar ali tudo encontrasse montado.

Enganou-se, porém.

O que devia ter feito era enviar logo a Angola um official de sua confiança e de conprovado merecimento para a execução daquele importante trabalho, preliminar das operações a efetuar.

A fórma como se desempenharam em Angola da ordem de Roçadas todos aqueles a quem incumbia o indeclinavel dever de preparar aos soldados idos da metropole todo o conforto de-

monstra-o a seguinte carta que recebemos dum camarada nosso, e que patenteia bem como muitas vezes são tratadas entre nós questões de maior importancia:

Margem do Cunene, em frente do Forte Roçadas em 27 de novembro de 1914.

Meu caro B.

Permite-me que eu venha desabafar um pouco contigo e dar-te uma pequena ideia da má sorte da expedição ao sul de Angola, que sob o comando de Roçadas partiu em 11 de setembro.

Todos os jornais apregoaram e festejaram a magnifica organização da colúna expedicionaria, que partia com todos os elementos necessarios e superiores aos de todas as outras expedições até então organisadas.

Pois, nesse caso, vais ficar deveras admirado quando eu te disser que temos passado tormentos horrorosos, e que além de chuva, frio, calôr, vento, sêde, febres e doenças proprias da região temos passado com absoluta falta de comodidades, que poderíamos ter, e principalmente que temos tido fome, repara bem, sim *Fome*, com todas as letras.

A expedição parece que realmente veio provida de generos, com os serviços administrativos, medicos e veterinarios, bem organisados.

Acreditamos que assim fosse.

Mas o que é facto é o seguinte: desde que partimos do Lubango (1 de novembro) a expedição trouxe excelente vinho e nós apenas nos primeiros dias tivemos 2 decilitros para todo o dia, e há mais de vinte dias que não provamos uma gôta; trouxe muito chouriço mas, ... ficou para trás; trouxe grande quantidade de conservas mas ... ficou para trás; trouxe bela farinha de trigo mas ... temos passado muitos dias sem pão, outros com um pãosinho pequeno, de pessima farinha e ainda peor fabricado; trouxe esplendidas conservas mas ... ficaram á retaguarda; trouxe a bela aguardente, mas apenas nos foi distribuida, em 4 ou 5 dias, uma horrivél aguardente de preto, etc., etc.; trouxe enorme quantidade de medicamentos mas há unidades que nem sequer possuem um frasco de quinino, outras que não encontram nas ambulancias uma pitada de men-

tol nem um simples rôlo de gaze; trouxe grande quantidade de material de bivaque mas... há unidades que nem sequer tem tendas abrigos e de noite está quasi tudo ás escuras porque o petroleo é pouquissimo; trouxe muita fava, aveia e belas forragens, mas... o gado morre de fome e de *surmenage* porque apenas come mau capim e pessimo milho, duro e com gorgulho, etc.

A nossa alimentação (oficiais e praças) tem sido a seguinte: De manhã, café ou chá e pão, *quando o há*; ao almoço, ou um pedaço de carne, cosida de vespera, fria e um bocado de pão, ou uma sopa de feijão, ervilha ou grão, qual deles mais duro; ao jantar, novamente feijão, grão ou ervilha, que parece pedra e carne cosida.

Ora num clima destes excessivamente insalubre atravessando dezenas e dezenas de quilometros sem uma gôta de agua, ou que, quando se encontra, é um liquido barrento, sujo, mal cheiroso, e em pequena quantidade; numa região, em que se andam 20, 25 e 30 quilometros por dia, em terrenos arenosos, e em que os pés se enterram por completo, com um sol tão ardente que derrete por completo as velas de stearina, qual é o europeu que póde resistir ás febres, ás disenterias, emfim ás doenças proprias do país se não lhes dão de comer, nem lhe fornecem medicamentos? Medicamentos!

Imagina, que durante uma marcha de centenas de quilometros, não se encontrou um hospital, uma enfermaria, nem um simples barracão onde os doentes podessem ser tratados, de fórma que ou haviam de ser abandonados, ou tinham de ser conduzidos, *como realmente foram*, em cima de caixotes e sacos, aos trambulhões dos carros boers!

Que dó tive desses desgraçados!

Ficarei por aqui... Muito mais tinha a dizer, mas isto é o bastante para que aí se avalie as condições em que estamos, e que não é o triplo de vencimento que compensa a perda da saude e energia, nem faz calar a revolta e a indignação de que todos, oficiais e praças, estão possuidos, por vêr tanto desleixo e tanta incuria!

De quem é a culpa de tudo isto? De muita gente, mas principalmente e *em primeiro lugar, dos governadores de cá, que não fizeram nada, absolutamente nada* apesar de para isso terem recebido instruções e ordens dois meses antes da nossa

vinda. Tiveram o descaramento de dizer que estava tudo pronto, tudo arranjado! Vergonhoso!

X.

A carta que acima fica transcripta mostra bem o erro cometido em não se haver montado, como devia ser, a linha de etapas e o serviço de abastecimentos.

O que é certo é que a metropole está fazendo um esforço colossal para manter em Africa um tão elevado efectivo, e que daqui tem ido para Mossamedes toneladas e toneladas de generos, não faltando entre os abastecimentos remetidos, vinhos generosos, cognac, tabaco, etc. enfim tudo quanto pudesse dar aos nossos officiaes e soldados um certo conforto.

Mas... com um caminho de ferro que parece sistema Décauville, e com um serviço de abastecimento feito quasi exclusivamente por carros boers, que devido á grande estiagem não puderam dar o rendimento calculado, não é de admirar que as tropas em operações tivessem soffrido privações.

Hoje a situação deve ter melhorado e tende a melhorar.

A caminho de Angola vão 100 carros alemtejanos exclusivamente destinados ao serviço de abastecimentos, outros 300 se lhe seguirão em breve; nas Canarias vão ser adquiridos 100 camelos, que ainda durante o corrente mês partirão para Mossamedes, e com as unidades embarcadas ultimamente seguem as respectivas viaturas e 40 automoveis tambem estão sendo adquiridos.

Com estes elementos, pois, ficam, segundo é de esperar, bem montados os serviços de abastecimentos.

O ideal teria sido, porem, ter enviado primeiro a Angola todos esses recursos para o estabelecimento de aqueles serviços e depois enviarmos as tropas mas... a situação impunha uma resolução rapida, e assim fomos amontoando em Mossamedes toneladas e toneladas de viveres, forragens e material de guerra, que com inumeras difficuldades ia sendo transportado para o interior.

Felizmente que presentemente á frente deste importante serviço está um official de reconhecida intelligencia e actividade o tenente coronel de estado maior Ilidio Nazareth, que tem a seu cargo os abastecimentos até á Chibia.

Num país como o nosso, onde cousa alguma está montada,

e onde tudo é deficiente, não é para admirar que deficiências se notem e apontem na execução da organização dum corpo expedicionário que em Angola vai contar dentro em breve o efectivo aproximado de 10.000 homens e 3.000 solípedes.

Reflectindo um pouco ver-se há que esforço enorme se está dispendendo em manter em Africa aquele efectivo que terá de ser alimentado da metropole, bastando dizer que o ministério das colonias tendo a embarcar 900 solípedes pertencentes ás unidades que foram destinados ao distrito de Benguela, terá de enviar para bordo do barco que conduzir esse gado o *exclusivamente para a sua alimentação* durante a viagem, 180 toneladas de forragens!

Quer dizer, para alimentar 3.000 solípedes em Africa será necessario enviar da metropole, *mensalmente* um minimo de 600.000 kilos de forragens, ou seja quasi que o carregamento dum navio.

Estes numeros dizem o suficiente para se avaliar as dificuldades que surgirão para o abastecimento das nossas forças e que só poderão ser vencidas, com muito bôa vontade, patriotismo e resignação.

Que os esforços empregados sejam coroados de exito é o nosso maior desejo, pois entendemos que tudo quanto se faça é pouco para darmos áqueles que se encontram em Africa uma pequena compensação dos sacrificios, trabalhos e agruras porque estão passando para salvarem a honra do exercito e do País.

E. B.



SUL D'ANGOLA

CONVENÇÕES

- | | |
|--------------------------------|----|
| Capital da Província | 1 |
| Idem de Districto | 2 |
| Sede de Concelho | 3 |
| Povoação importante | 4 |
| Pegues povoação | 5 |
| Posto militar | 6 |
| Missão | 7 |
| Pharel | 8 |
| Carimbo | 9 |
| Carimbo de Ferro em exploração | 10 |
| Idem, idem em construção | 11 |
| Idem, idem em projecto | 12 |
| Limite de Província | 13 |
| Limite de Districto | 14 |

Escala $\frac{1}{2.000.000}$



O GENERAL

Antonio Maria Celestino de Sousa

Mais uma vez se abre n'esta *Revista* uma pagina luctuosa pela perda de um dos nossos consocios; mais uma vez, no cumprimento d'um doloroso dever, temos de deixar correr a pena para registarmos o passamento de um outro companheiro que a morte nos arrebatou.

O General Antonio Maria Celestino de Sousa, não era um desconhecido. Das suas qualidades de trabalho, e privilegeada intelligencia, uma importante parcela dedicou á *Revista Militar*, de cujos corpos gerentes fez parte, entrando na sua direcção nos anos de 1885 e 1886.

Socio dos mais antigos d'esta Empreza aqui lhe prestamos o culto da nossa respeitosa homenagem.



Obras oferecidas

- 1 F. SÁ CHAVES. **Subsídios para a historia militar das nossas Lutas Civis (As campanhas de meu Pai)**—Vol. I.—*A Campanha de 1823*.—Coimbra. Imprensa da Universidade. 1914—1 vol. (0^m,25×0^m,16) de 407 pag. com varias cartas e gravuras.

E', sob qualquer ponto de vista que se encare, um formoso livro este, que temos na nossa frente. Especialmente sob o ponto de vista moral, porque é a revelação do devotado amôr e profundo respeito que o autôr consagra á memoria de seu pai. Abre logo com uma dedicatória, que é um primoroso trecho literario, o qual condensa todo o affecto que ligava intensamente os membros da familia, que esse soldado hemenageado soube constituir com não menor pericia do que aquela que desenvolveu nos campos de batalha.

As narrativas que êle fazia ao filho em—«estilo simples e minucioso, quentes sem artificio, arrebatadoras pela justeza, comunicativas pelo entusiasmo e dramaticas pelo movimento»—não caíram em chão sáfaro. Foram escutadas com animo de ficarem bem gravadas na memoria do ouvinte, e foi assim que elas lograram ser agora reproduzidas com toda a fidelidade, embora mais adornadas com a copiosa illustração bebida nos escritores, que com mais segurança haviam tratado de identicos assuntos historicos.

As memorias dos soldados das velhas campanhas de outr'ora consti-tuem em todos os países da Enropa uma literatura especial, sumamente apreciada, e onde historiadores autorizados vão por vezes encontrar a explicação de factos nebulosos, que nem as mais valiosas fontes de informação, nem a melhor critica logravam esclarecer.

Entra nesta classe de livros o que hoje anunciamos, que a Academia das Sciencias de Lisboa mandou publicar sob o erudito parecer elaborado pelo sr. Cristovam Aires, o qual basta para o consagrar, pois que o reputa «uma analyse documental, feita sob um criterio lucido e imparcial, das campanhas de que o volume se ocupa, com criterio seguro e bem deduzido dos factos que aponta e narra, com elevação e conceito».

Os factos ocorridos na provincia de Trás-os-Montes durante a Guerra Peninsular servem de proemio a esse trabalho, porquanto foi sob a sua influencia que se revelou o espirito militar do futuro coronel de cavalaria, então ainda creança. Assentando praça em 1 de janeiro de 1823, já tomou parte na campanha, desse ano, e isto serve de justificação para a ampla descrição das causas e desenvolvimento que ela tomou na referida provincia. Como bem disse o sr. Cristovão Aires,—«o pretextó

da obra são os factos passados em volta de um homem, mas a verdade é que este quasi desaparece no tumultuar das ideias e das paixões, dos interesses e dos principios, que mutuamente se degladiam. O que fica de pé são os factos, são os homens que os produziram. E' um capitulo integro da historia do país. Esse capitulo é visto e escrito a uma luz nova—com esmiuçado cuidado, com sensibilidade de artista e com a ponderação de official»—.

Não seria possível em menos palavras dar uma ideia mais completa do livro, que temos na nossa frente, escrito com tão escrupuloso criterio, que sofreu não menos de quatro redacções no decurso de 16 anos.

Sentimos que o breve espaço destinado á noticia das obras, que vão vendo a luz da publicidade, nos não permita dar do livro descripção mais circunstanciada. Mas ao que nos não furtamos é, não só ao prazer de felicitar o nosso presado colega, camarada e amigo o sr. tenente coronel F. Sá Chaves pelo seu brilhante trabalho, mas ainda ao dever de aconselhar aos nossos leitores, que presam os estudos historicos, á sua leitura, tanto mais agradável, quanto que constitue um formoso volume, que honra a tipografia, que o compoz e imprimiu.

- 2 RODOLPHE GUIMARÃES—**Sur la vie et l'œuvre de Pedro Nunes.** Coimbre. Imprimerie de l'Université, 1915. 1 opus. (0^m,25×0^m,16) de 86 pag.

Notice sur les titres et travaux scientifiques de M. Rodolphe Guimarães. Coimbre. Imprimerie de l'Université. 1 opusc. (0^m,25×0^m,16) de 32 pag.

O primeiro dos opusculos supramencionados constitui separata dos *Annaes Scientificos da Academia Polytechnica do Porto*, e propõe-se tornar conhecidas dos contemporaneos a vida e obras de Pedro Nunes, uma das nossas glorias scientificas. Póde afirmar-se que será difficil levar mais longe os processos de investigação, a que o autor recorreu, para lançar a maior soma de luz sobre o assunto, que agora se poderá dizer como que esgotado. O nosso camarada, colega e amigo o sr. major Rodolfo Guimarães é um trabalhador emerito, como bem se demonstra no segundo dos opusculos referidos, e quando se abalança a qualquer empresa literaria ou scientifica executa-a com uma probidade e tenacidade cuja medida é bem revelada pela memoria ácerca de Pedro Nunes.

Posto que nenhum dos trabalhos acusados entre na especialidade dos estudos a que a *Revista Militar* se dedica, entendemos do nosso dever mencionar a sua publicação, porque evidenciam os provados meritos de um escritôr, que honra o exercito pela cultura do seu espirito e dedicação ao trabalho, e ao qual estamos ligados por agradaveis laços de camaradagem.

- 3 **Provas mecânicas dos aços para canhões — Combustão da Polvora a volume constante — Graduação das Espo-lêtas de tempos**, por J. NUNES GONÇALVES, tenente coronel de artilharia e Lente da Escola de Guerra—3 opusc. (0^m21×0^m,14) de 34, 36 e 19 pag. o primeiro dos quais com figuras.

Os três opusculos, que annunciâmos, constituem separatas da *Revista de Artilharia*, e versam importantes assuntos, todos encarados sob um ponto de vista original, pelo distinto official de artilharia a quem tanto devem os estudos especiais da sua arma. Os trabalhos do sr. Nunes Gonçaves não necessitam mais do que annunciados para que os especialistas corram a adquiri-los para aumentarem a propria cultura intelectual. E nada há que a esse culto official afrouxe o amor ao trabalho. Sob este ponto de vista parece que desafia o tempo e as vicissitudes da vida, porque o seu espirito e a sua pena seguem imperturbavelmente o seu curso sem nada haver que os tenha podido deter. Que isso continui a succeder largos anos para honra do escritôr e lustre do exercito é o que sinceramente desejamos.

- 4 MANUEL ALBERTO REIS (Regente Florestal)—**Arborisação e Agricultura**. (Serie de palestras realizadas aos soldados de artilharia 2 e de infantaria 28, aquartelados na Figueira da Foz)—1 vol. (0^m,205×0^m,135) de 232 pag. Figueira da Foz, 1914—Preço : 40 cent.

Da direcção da Associação d'Instrução Popular da Figueira da Foz recebemos a oferta deste livro, que temos em especial apreço pela causa que lhe deu origem, qual foi a de procurar desenvolver os conhecimentos agrarios entre os soldados de dois dos regimentos do nosso exercito. Reconhecemos a intenção patriotica que animou o autor na elaboração de tais palestras; verificâmos que estas foram desenvolvidas em linguagem simples, clara, intuitiva e de facil comprehensão para os espiritos mais rudes; confessamos que se torna necessario uma ampla e intensa propaganda para conseguir fomentar a riqueza nacional, da qual os nossos campos são certamente os elementos mais valiosos. Uma duvida sómente alimentâmos, e essa é a de que no brevissimo tempo destinado á instrução de recrutas em um exercito miliciano, como é o nosso, caiba ainda a leccionização de quaisquer assuntos alheios á profissão das armas. Isso não obsta, porém, a que se reconheça ser o trabalho do sr. Alberto Reis digno de vulgarização entre as classes que necessitem preparar o espirito para o exercicio dos diferentes ramos da vida agricola, tanto mais quanto que a sua aquisição representa um auxilio á benemerita Associação, que o fez publicar.

- 5 **Guia Tactico** (*Destacamentos mixtos*) — Colheita de principios feitos nas obras de Griepenkerl, Culmann, Savatier, Litzmann, Pédoya, Zorn, Briessen e outros autores, numa serie de têmeas tacticos, em pequenos volumes, por Alexandre Malheiro, major de infantaria. I. Opus. (0^m,22×0^m,15) de 85 pag. Porto, 1914.

O sub-titulo desta publicação esclarece inteiramente o leitor ácerca da ideia que presidiu á elaboração do opusculo, que vimos anunciar. São sempre uteis tais trabalhos, porque tendem a desenvolver na corporação dos officiaes os conhecimentos sobre os serviços de campanha, que são de importancia excepcional. Depois de ler atentamente o que sobre o assunto escreveram os notaveis autores, que cita, procurou o sr. Malheiros aplicar as doutrinas derivantes a um caso concreto, tendo em vista as disposições regulamentares nacionais. E isso fez com notavel clareza, seguindo o criterio que se lhe afigurou mais oportuno, justificando-o por vezes em notas. Todos sabem que os têmeas tacticos admitem geralmente soluções diferentes, donde resulta ser difficil estabelecer o acôrdo no modo de resolver qualquer deles. Mas a controversia que essa divergencia de pareceres origina torna-se por vezes mais proveitosa do que qualquer solução por ventura indiscutivel. Da controversia resulta, quasi sempre, alguma lição proficua para os discordantes. Compulsem os nossos leitores o *Guia Tactico* do sr. Malheiros e, ainda que diverjam das ideias ali enunciadas, encontrarão pela causa referida manifesto proveito de tal leitura.

- 6 **Pages d'histoire — 1914** — Sob esta mesma rubrica foram publicadas mais as seguintes brochuras, além das annunciadas no nosso número de novembro, pela livraria Berger-Levrault:

I. Extraits du Bulletin des Armées de la Republique.

II. Les Premiers-Bordeaux. Du 4 septembre au 31 octobre 1914 — Les extraits des principaux articles du Bulletin des Armées de la Republique. Prix : 60 cent.

A' l'ordre du jour — I. — Du 8 aout au 18 septembre 1914 — Les citations á l'ordre du jour. Prix : 60 cent.

Les communiqués officiels depuis la declaration de la guerre — IV — Du 1^{er} au 31 octobre. — Suite chronologique des dépêches du gouvernement français. Prix : 60 cent.

A' l'Ordre du jour — II — Du 19 septembre au 29 septembre — Citations, promotions. Legion d'honneur, medaille militaire. Prix : 60 cent.

A' l'Ordre du jour — III — Du 2 octobre au 14 octobre 1914 — Citations, promotions, etc. Prix : 60 cent.

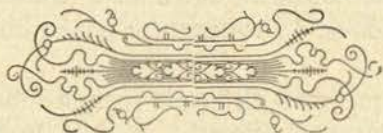
Les Pour parlers Diplomatiques — 23 juillet — 4 aout — I — Le Livre Bleu Anglais. Prix : 60 cent.

Os opusculos, que ficam citados, constituem a continuação das monografias editadas pela Livraria militar Berger-Levrault, a que fizemos

referencia no número de novembro desta *Revista*. O mais notavel deles é o último da relação, que compreende: a correspondencia trocada pelo *Foreign Office* com os embaixadores Sir M. de Bunsen, Sir G. Buchanan, Sir Francis Bertie, Sir S. Rodd, Sir E. Goschen et Sir F. Villiers; as negociações entre Sir Edward Grey e MM. Cambon, Conde Benckendorff e o Principe Lichnowsky, documentos todos notabilissimos e indispensaveis para o conhecimento minucioso das origens da guerra actual.

Continua a apresentar, portanto, a maior actualidade, a colecção de brochuras que se propoz publicar a respectiva casa editora.

M. S.



CRÓNICA MILITAR

Alemanha

Telegrafia sem fios nas colonias. — Os alemães desenvolvem cada vez mais o uso da telegrafia sem fios nas suas colonias.

Não ha muito ainda foi inaugurada uma estação em Swakofneurd, no SO da Africa.

Por meio dela pode-se comunicar com os navios por um meio pratico até 1.000 ql., tendo-se conseguido alcances de 3.500 quilometros.

A torre da estação tem 95^m de altura.

A estação de Donabla, com antenas de 100^m de altura, tem um alcance de 1.100 ql.

Além destas existem em Africa outras estações em construção na baía de Zudemtz, no SO, em Darde-Salen a E e outra em projecto ao Togo.

Os «Zeppelins». — E' muito curioso registar a opinião de celebre aviador belga há pouco chamado a Londres para auxiliar a organização da defesa aerea da capital de Inglaterra.

Diz esse aviador que considera difficilima a defesa contra os balões dirigiveis *Zeppelins*, baseando-se na experiencia ganha durante a sua estada em Antuerpia.

De todas as vezes que esses dirigiveis voaram sobre aquela praça belga, lançando bombas, foi impossivel atingi-los, porque, logo que algum projector os descobria, elevavam-se rapidamente a 1.500^m, desaparecendo das vistas, para voltar de novo de outra direcção.

Os tiros de canhão disparados contra os *Zeppelins*, quando voavam a menor altura, vinham cair sobre a cidade e causavam mais dâno á propria cidade do que ao dirigivel visado. Apesar dos projectores e dos canhões especiais, não foi possivel causar-lhe dâno.

O ataque dos *Zeppelins* por aeroplanos, resulta igualmente infrutifero ; efectivamente o seu armamento — metralhadoras na barquinha da frente, metralhadoras na barquinha da retaguarda e metralhadoras sobre o corpo do dirigivel — torna tão forte a sua superioridade sob o ponto de vista de estabilidade para os efeitos de pontaria e sob o ponto de vista de eficacia pela sua tripulação que excede 30 pessoas, que a aproximação dos aeroplanos é pelo menos, senão impossivel, muito problematica. Efectivamente, até hoje, nenhum dirigivel foi destruido por meio de aeroplanos.

Acrescentando a estas considerações o facto dos ataques dos *Zeppelins* serem sempre noturnos e, portanto, efectuados em circunstancias em que os aeroplanos estão quasi impossibilitados de manobrar, e, num vôo contra um

Zeppelin, sempre arriscados a serem atingidos pelos tiros feitos a esmo sobre o dirigível, vê-se que a opinião do aviador belga, baseada na experiência, deve, de facto considerar-se como fundada.

Se pudesse suprimir-se o unico elemento seguro de aperceber a proximidade de um *Zeppelin*, isto é, o ruido dos seus motores e das helices, te-lo-hemos transformado numa arma terrivel e, de facto, quasi inatacavel.

Ora é justamente esta inovação que, segundo se diz, acaba de ser introduzida nos novos *Zeppelins* e a elle aludiu há pouco o proprio conde Zeppelin, quando lhe perguntaram em Essen, se esqueceu os ingleses.

Nestas condições, compreende-se bem a preocupação que aos ingleses e especialmente a Londres está causando a anunciada visita noturna desses formidaveis engenhos de destruição.

Canhões «Howitzers» de sitio.—Os destroços causados nos fortes de Liège foram ocasionados principalmente pelos formidaveis morteiros de 42 cm., com que os alemães assombraram o mundo militar.

Os efeitos da pressão do ar, que produz cada tiro destes morteiros são tão espantosos que quem não esteja acostumado, a eles póde resistir-lhes—sem se expôr a cair no chão—se se não colocar á distancia de 1.000 metros.

Austria-Hungria

Trem de pontes de cavalaria.—Após uma serie de provas, foi adoptado para as divisões de cavalaria um trem ligeiro sistema coronel Herbert. Compõe-se o trem de 4 carros, puxados a 4 cavalos.

Um carro representa uma unidade com o material para taboleiro de ponte e um barco, dividido em dois meios barcos de aluminio. Cada carro pesa 1.500 kg.

O trem ligeiro habilita a cavalaria ao transporte em barco, assim como á execução de qualquer especie de pontes.

Existiam há pouco dois trens. Serão elevados ao numero de 9 para poder ser dotada cada uma das divisões de cavalaria com um trem de pontes, tornando as divisões independentes das equipagens de pontoneiros, e dando-lhes assim grande mobilidade nò serviço de exploração.

Novo campo de instrução.—Em Hajmarker, na vertente norte dos montes Bakony (Hungria), organisou-se um campo de instrução mais extenso que o de Interlog. Foram nele construidos cerca de 60 edificios, entre quarteis, casas para officiais, hangares, laboratorios, hospitais, etc., tendo capacidade de alojamento para um regimento de artilharia de campanha em pé de guerra, um grupo de obuzes de campanha, uma bateria de obuzes pesados, a Escola de tiro com o pessoal permanente e todos os officiais que ali se acham destacados.

No campo de tiro pratica a Escola de tiro de artilharia de campanha e de artilharia a pé. Além disso organisou-se um novo regimento de artilharia de campanha a 4 baterias de 6 peças para o serviço da referida Escola de tiro.

Aumento das companhias ciclistas.—Há ideia de aumentar o numero de companhias affectas aos batalhões de caçadores, dotando cada divisão de ca-
1915

valaria com uma companhia, tendo em conta que a Italia dispõe de 12 unidades ciclistas, uma por cada regimento de Bersagliery e a França possui 8 companhias affectas aos batalhões de caçadores, mais 10 grupos de duas companhias que se formam segundo a nova lei de quadros.

Indicadores de trajetórias. — A imprensa tecnica austriaca occupa-se de uma nova disposição para tornar visíveis as trajetórias dos projecteis no tiro de artilharia de costa. Consiste o aparelho em um cilindro de bronze adaptado á base do projectil e carregado com uma substancia combustivel que produz uma chama muito viva no momento de disparar o tiro.

De noite é perfeitamente perceptivel sob a forma de uma pequena estrêla.

A combustão póde durar uns 20 segundos, e o pêso de todo o mecanismo não passa de umas 80 gr.

Barracões desmontaveis. — Em todos os exercitos vai-se sentindo a necessidade de dispôr de bons barracões desmontaveis para alojamento de tropas.

Tem-se construido na Austria em diversas ocasiões tipos desmontaveis de barracões para o exercito, sendo um dos mais praticos os construidos pela casa Schêter com destino ao exercito da Bosnia. Actualmente estão-se construindo novos modelos nas oficinas do Estado, e para que este material reúna todas as vantagens desejadas, serão de facil transporte.

O modelo foi inventado por Frommer, sendo construidos dois tipos distintos, o primeiro dos quais oferece alojamento para uns 50 soldados.

Belgica

As contribuições impostas pelos alemães. — As contribuições de guerra até agora impostas pelos alemães ás cidades belgas e francesas são as seguintes:

Antuerpia	500.000:000 frs.
Bruxellas	200.000:000 »
Liège	50.000:000 »
Louvain	100:000 »
Provincia de Brabante	450.000:000 »
Lile	7.000:000 »
Valenciennes	1.050:000 »
Amiens	1.000:000 »
Roubaix e Tomcoing	1.000:000 »
Lens	700:000 »
Armentières	500:000 »
Blenkenberghe	1.250:000 »
Total	1.212.600:000 »

Em alguns destes pontos não chegaram a cobra-las porque tiveram de sair antes de as receber.

Bolivia

Telegrafia sem fios. — Trata-se do estabelecimento de estações sem fios no vasto territorio de Chaco, que deram os mais satisfactorios resultados nas comunicações entre Caize e os fortins d'Orbigni e de Vallirian ; e em breve se estabelecerá igual comunicação radio-telegrafica entre este ultimo ponto e os Estados de Patiño.

A comunicação com o Chaco far-se há desta fórmula : De La Paz a Caize pelo telegrafo sem fios e de Caize a d'Orbigni, fortim Vallirian e Estenos de Potiño por telegrafo sem fios mediante as quatro estações que se vão pondo em serviço.

Missão alemã. — Um dos maiores progressos alcançados pela Bolivia nestes ultimos 10 anos é sem duvida o excelente pé-em que se encontra o exercito nacional, devido em grande parte á missão alemã presidida pelo general Kundt.

Todos fazem justiça ás milicias bolivianas considerando-as entre as mais adiantadas da America do Sul.

Em resultado, porém, da guerra europeia, a missão militar alemã teve que retirar para o seu país, a fim dos officiaes que nele entravam tomar parte na guerra.

Bulgaria

Seu exercito. — O serviço militar é obrigatorio dos 20 aos 46 anos. Attingem anualmente a idade do ingresso nas fileiras uns 43:000 mancebos destinando-se 20:000 á infantaria e 7:000 ás demais armas.

O armamento da infantaria é a espingarda Manlincher de 8^{mm} para o activo e suas reservas e a Berdan de 11^{mm} para as milicias.

A cavalaria está armada com a carabina Manlincher e cada regimento desta arma dispõe de um grupo de metralhadoras Maxim.

A artilharia de campanha é dotada de peças sistema Scheneider, tiro rapido de 75^{mm}.

Tambem conta o exercito para a reserva de dois grupos de artilharia de 87 e 75^{mm}, sistema Krupp modelo 1904.

A artilharia de sitio tem material Scheneider de 12^{cm}, o mesmo que Krupp de 12^{cm} tiro lento.

O material de artilharia de praça é o seguinte : 24 obuzes de 15^{cm} modelo 1898 sistema Scheneider, com 14 calibres de comprimento ; 24 canhões de 15^{cm} Krupp de 30 calibres ; 10 ditos de 12 Krupp de 25 calibres ; 4 de 12 Krupp de 25 calibres ; 30 ditos de 5,7 tiro rapido ; 14 canhões russos do antigo modelo, dos quais 5 compridos, 5 curtos e 4 morteiros e por ultimo 60 canhões de bronze.

De costa apenas possui uma bateria constante de 2 peças de 24^{cm} Scheneider.

França

Povoação da região de Marrocos sugelta ao protectorado francês. — Segundo uma estatistica publicada pela *France Militaire*, a povoação das dife-

rentes regiões de Marrocos sujeitas ao protectorado francês, segundo os dados obtidos pelos serviços de informação, são os seguintes:

Gharb (desde o limite da zona espanhola até Sebú), 66:500 habitantes; região de Fez, 236:000; região de Mequinez, 221:120; região de Rabat, 170:550; região de Chauia (compreendidos os Beni-Meskina e Casablanca), 259:500; região dos Donkolo, 250:000; região dos Abda e dos Ahinar, 200:000; região de Hanz, 594:060; região da esquerda do Muluya, 108:500, e região da direita do Muluya, 190:170. Total 2:296:100 habitantes.

Estes algarismos não se podem considerar exatos, mas sim aproximados; neles estão compreendidas a região de Todla, as tribus do Grande Atlas, as do Sus e Atlas medio, e as regiões do Sahrá. Pode, pois, considerar-se como muito aproximada a cifra de 3.000:000.

Effectivos das forças em Marrocos em 1913. — Europeus dos cor-

pos do exercito da metropole	3:462
Idem dos corpos da Argelia e Tunis	20:283
Naturais da Argelia	14:956
Idem de Tunis.	4:968
Total	43:671
Tropas coloniaes europêas.	7:708
» » senegalêsas.	7:456
Total das tropas coloniaes.	15:164
Tropas marroquinas.	3:318
Total	62:153

A despesa da occupação francesa em Marrocos, tem sido a seguinte:

1907.	11.377\$00
1908.	41.255\$00
1909.	18.048\$00
1910.	12.717\$00
1911.	68.107\$00
1912.	144.153\$00
Total	295.656\$00

Além destas despesas outras foram feitas em obras publicas.

Inglaterra

Organização das tropas técnicas. — O corpo de engenheiros (Royal ingineers troops) compõe-se de 86 companhias, sendo 64 na metropole e 22 nas colonias.

O total de forças técnicas está dividido em tropas de campanha, ditas de praça e em unidades de tropas especiais. As tropas de campanha constam de 15 companhias de engenharia de campanha, 3 secções montadas, 3 trens

de pontes, 13 companhias de telegrafistas, uma dita postal, 1 de projectores, 3 de caminhos de ferro e 1 secção de aerostatos.

As tropas tecnicas de praça estão distribuidas por 28 companhias de praça, propriamente ditas e 2 ditas de costa.

Finalmente, entre as tropas especiais contêm-se 3 companhias de telegrafistas, 9 de deposito e outras unidades coloniais isoladas.

Peças para fazer fogo contra aeroplanos e dirigiveis. — A casa Vickers construiu uma nova peça de 17^m, com campo de tiro de 0 a 90°, destinada a bater aeroplanos e dirigiveis.

A casa Krupp construiu outra peça para igual fim de 10^{cm} e 35 calibres, que lança projecteis de 18^{kg}, com ângulo maximo de 75°. A velocidade inicial é de 700^m e o alcance de 11:400^m em altura, e os projecteis, ao rebentarem, produzem muito fumo para melhor observação do tiro.

O aparelho de pontaria é constituído por uma ocular ligada a um telemetro especial; com o primeiro o apontador segue o alvo no seu vôo e com o segundo obtém a distancia.

Todos os dados precisos para o tiro (angulos de elevação, distancias, etc.), estão indicados em quadros dispostos em um tambor ligado á peça.

Japão

Tropas de artilharia. — A artilharia de campanha compõe-se de 25 regimentos e de dois grupos de 3 baterias. Em tempo de guerra cada regimento forma outro de reserva a 4 baterias e 1 bateria de 2.^a reserva.

O efectivo da bateria em tempo de paz é de 5 officiais, 123 praças e 62 solipedes, e em tempo de guerra é de 5 officiais, 136 praças e 112 solipedes.

Em artilharia a cavalo, cada brigada de cavalaria tem duas baterias, o que dá um total de 8 baterias com uma organização parecida com a de campanha.

Tambem existem 3 grupos de artilharia de montanha a 3 baterias e outros independentes. O efectivo de paz é de 5 officiais, 122 praças e 37 cavalos, e em caso de guerra, de 5 officiais, 196 praças e 96 solipedes.

A artilharia pesada é constituída por 24 batalhões de praça e 6 regimentos de artilharia pesada de campanha.

Efectivos. — No momento da declaração de guerra do Extremo Oriente, o exercito compunha-se organicamente:

1.º, de um exercito activo com suas reservas (*yobi*); 2.º, de um exercito de reserva (*kobi*); 3.º, de um exercito nacional territorial (*bokumin*); 4.º, dos depositos.

O exercito activo (*yobi*) compreendia: treze divisões, uma delas de Guarda, duas brigadas independentes de cavalaria, duas brigadas independentes de artilharia, 65 companhias de artilharia de fortaleza, tropas de caminhos de ferro, telegrafistas, etc.

O efectivo em pé de guerra destas formações subia a 200:000 homens, em numeros redondos.

Agora, com os recursos adicionais das 7 classes (1897-1913) chamadas para formar as tropas de 1.^a linha (três classes) no serviço activo e quatro nas reservas) completavam mais ou menos, 340:000 homens. Esperava-se, para

preencher as baixas, constituir as formações de reserva e depósitos, criar em caso de necessidade novas unidades com 140:000 homens.

O exercito de reserva compunha-se teoricamente de 26 brigadas de infantaria, mas na realidade 13 de dois regimentos a dois batalhões; 13 regimentos de cavallaria a dois esquadrões; 13 ditos de artilharia de dois grupos a duas baterias.

Estas unidades ascendiam a um efectivo aproximadamente de 95:000 homens.

O exercito nacional territorial composto de cerca de 90:000 homens instruidos, estavam em sua maioria fóra do país.

O exercito de deposito compunha-se de cerca de 800:000 homens; destes 50:000 haviam recebido instrucção.

Em fevereiro de 1904 o numero total de homens instruidos que o Japão pode colocar no teatro da guerra, é avaliado em 440:000 a 490:000, incluindo os 50:000 que haviam recebido instrucção.

O estado maior japonês chegou a mobilisar 860:000 homens, chamando ao serviço todos os homens aptos.

O efectivo total das tropas no fim da campanha, era aproximadamente de 600:000; destes 440:000 eram combatentes.

Foram no curso da campanha constituídas quatro divisões numeradas de 3 a 16; duas divisões e 16 brigadas de reserva.

As perdas sofridas na campanha foram :

Mortos nos campos de batalha	47:500
» em consequencia de ferimentos	11:500
» por enfermidades	27:200
Total.	86:200

Em um total de 240:000 feridos, 30:000 ficaram inutilizados.

Montenegro

Seu exercito. — Segundo a lei de recrutamento de 1910 o exercito está dividido em 3 categorias, e a ele estão sujeitos os montenegrinos desde a idade de 18 anos até aos 63, sendo esta larga duração de 45 anos devida à escassez da população e ao temperamento belicoso do montenegrino.

O armamento da infantaria é a espingarda russa, modelo 1891 (Meskooka), de repetição, com carregadores de 5 cartuchos, calibre de 7,62, levando sempre posta a baioneta, e com uma dotação de 120 cartuchos por praça, que se pode aumentar.

Nos parques existe grande numero de espingardas austro-hungaras, modelos 1873-77, sistema Wuncht, com 60 cartuchos de dotação, assim como uma importante quantidade de velhas espingardas russas Berdan e Kirnka com uma unica carga. Em cada brigada ha uma companhia composta de 4 metralhadoras, sistema Maxim, com uma primeira dotação de 10:000 cartuchos para cada uma.

A cavalaria como arma tactica para o combate não existe; mas em tempo

de guerra, com os cavalos que se podem requisitar, formam-se varios esquadrões que ficam affectos ás divisões como tropas exploradoras.

A artilharia dispõe de 6 baterias de campanha e 14 de montanha a 4 peças cada uma.

O material de artilharia é o seguinte: canhões sistema russo, de tiro rapido, para montanha e campanha, modelo 1902-904, de 7,62 e 7 cent., respectivamente de calibre, com freio recuperador e escudo.

Canhões de campanha, sistema italiano (modelo antigo) calibre de 8 cm. Ditos de montanha, sistema tambem italiano e 7,8 cm. de calibre.

Varios canhões antigos, sistema Krupp, russo e turco, de 7,8 cm. de calibre.

A artilharia de sitio e de praça dispõe de 40 peças pesadas, entre as quaes ha 6 obuzes, podendo formar-se 10 baterias, algumas das quaes podem seguir a marcha dos exercitos por estradas.

Esta especie de artilharia dispõe de peças 12, 15 e 24 cent.; obuzes de 21 e morteiros de 9, 15 e 23 cent.

Noruega

Estado maior central. — De acordo com as ultimas disposições, o Estado maior central do exercito compôr-se-á de um general de brigada, 4 officiaes superiores, 9 capitães e 26 subalternos, organizando-se 4 secções que se encarregarão dos assuntos seguintes: Communicações; mobilisação; tática; cartografia e levantamento de plantas.

Romania

Nova divisão. — Foi criada a 11.^a divisão de infantaria a qual comprehende: 4 regimentos de infantaria numerados de 41 a 44, com as unidades de artilharia e cavalaria que se julguem necessarias.

Os novos regimentos de infantaria constituir-se-hão com elementos dos actuaes regimentos e mais tarde recrutar-se-hão no territorio anexoado, que tem uma superficie de 8:730 quilometros quadrados, e uma povoação de 305:000 almas.

Russia

Resultado do concurso de aeroplanos militares. — Em S. Petersburgo, no ultimo concurso organizado pelo Ministerio da Guerra, inscreveram-se 10 aparelhos; destes, 3 terminaram com exito a série completa de provas e 2 executaram mais de metade. Os restantes abandonaram o concurso.

As caracteristicas dos aparelhos melhor classificados foram:

Resultados obtidos	Biplano		Monoplano	
	Siberia	Duse tipo Far- man	Duse tipo Nieu- port	Fokker
Peso do aparelho—quilogramas . . .	590	365	422	530
Força do motor—cavalos	100	70	70	100
Carga util—quilogramas.	327	254,5	238,9	279,1
Velocidade máxima—quilometros . .	113,3	86,4	104,2	97,0
» mínima — »	76,5	70,0	89,5	74,0
Tempo gasto na subida até 500 ^m de altura—mínima.	6,4	6,0	7,0	8,7
Tempo necessario na desmontagem parcial—mínima	7,1	18,5	14	6,2
Tempo necessario na desmontagem total—mínima	18,2	59	32,3	41,0

Persia

Seu exercito. — Desde 1901 estabeleceu-se o serviço militar obrigatorio, o qual começa aos 21 anos e termina aos 45, sendo dos 46 aos 56 a milicia.

O armamento da infantaria é a espingarda Mauser para o exercito de 1.^a linha e a Koka e a Berdan para o resto do exercito.

O armamento da cavalaria é a carabina Mauser e cada regimento desta arma dispõe duma secção de metralhadoras de duas peças Maxim.

A artilharia de campanha possui material Schneider de 7,5 e a artilharia pesada o de Bange, antigo modelo, obuzes de 12 e morteiros de 15.

De praça ha 103 peças de grosso calibre de modelos distintos, mas, na sua quasi totalidade são modelos antiquados.

Turquia

Exercito. — A entrada da Turquia na conflagração europêa torna muito interessante conhecer os recursos militares daquele país.

Até ha pouco, o serviço militar era teoricamente obrigatorio para todos os mussulmanos, ao passo que os cristãos estavam excluidos do exercito. Porém, como o numero dos ultimos na Turquia europeia excedesse o dos mussulmanos (3.500:000 por 2.500:000) e para mais habitando na Turquia asiatica 3 milhões e meio de cristãos, aquella excção de caracter religioso prejudicou o poder militar do imperio otomano. Na Arabia não existe o serviço obrigatorio e estão isentos tambem do serviço militar as tribus arabes e kurdas da Asia Menor, assim como o distrito de Constantinopla.

No novo regimen reconheceu-se a vantagem de incorporar no exercito os cristãos e com data de agosto de 1909 publicou-se um decreto pelo qual é considerado extensivo o serviço militar obrigatorio a todos os turcos sem distincção de crenças religiosas. Mas essa modificação introduzida na lei do recrutamento, teve na pratica extraordinarias dificuldades.

O serviço começa para os turcos quando completam 20 anos e dura outros 20.

O serviço no activo, chamado *nizam*, é prestado por um periodo de 9

anos e pela forma seguinte: 3 anos nas fileiras e 6 na reserva. Sem embargo, na pratica pode prolongar-se esse periodo. Passa logo o soldado a fazer parte do *Redif*, ou 2.^a linha, em que permanece outros 9 anos e, finalmente, ingressa por 2 anos no *Mustahfir*.

Os reservistas estão sujeitos a uma convocação anual para tomar parte em manobras durante 6 semanas e os que permanecem no *Redif* tem a mesma obrigação uma vez cada 2 anos. Os recrutas do contingente anual, que excedam o numero pedido para completar as forças do activo, constituem uma reserva especial, fazendo exercicios que duram 9 meses no primeiro ano e 30 dias nos anos seguintes.

O *Redif* divide-se em 2 classes: Compõem a primeira dos que tem estado 3 anos no activo e cumpriram os 6 de *reserva activa* e á segunda pertencem os que por diversas causas não prestaram serviço nas fileiras e passam ao *Redif* com uma superficial preparação militar.

Na paz, o *Redif* compõe-se de pequenos nucleos independentes, que aliás podem constituir um corpo de exercito.

As forças do *Redif* são exclusivamente de infantaria, mas nas mobilizações agregam-se-lhes forças de cavalaria e de artilharia que não sejam indispensaveis no Nizam.

A cavalaria *Harnidich* foi suprimida e em troca organizou-se uma milicia de 24 regimentos dessa arma, formados pelos recrutas das tribus arabes da Asia Menor.

Quanto ao *Mustahfir* é pouco eficaz o seu concurso como se poudes comprovar recentemente na guerra balkânica.

As divisões do Nizam são constituídas normalmente por 3 regiments de linha, um batalhão de *escopeteros* e 6 a 9 baterias de campanha. Cada regimento de linha compõe-se de 3 batalhões. A artilharia organiza-se com baterias de 4 canhões de tiro rapido ou 6 peças de modelo antigo. Um corpo de exercito compõe-se de 2 ou 3 divisões, 1 brigada de cavalaria, 3 baterias de morteiros, 6 baterias de artilharia de montanha, 1 batalhão de engenharia e 1 companhia de telegrafia.

Ha no *Nizam* 40 regimentos de cavalaria de 5 esquadrões cada um, além dos 24 regimentos já mencionados.

Constituem as diversas divisões do *Redif* 7 a 12 batalhões.

Ha tambem uma guarda de 22 companhias e 42:000 gendarmes.

O efectivo do exercito turco em tempo de paz é de 230:000 homens.

É preciso, porém, notar que toda esta organização é muito teorica, não correspondendo na prática ao que se encontra legislado, dada a grande indisciplina social que reina no Imperio.

Uruguay

Missão militar francesa. — Em abril de 1913, o Presidente do Uruguay apresentou um projecto de lei pedindo autorisação para celebrar um contrato com o governo francês relativo ao envio duma missão militar francesa para dirigir os estudos das escolas militares e navais do Uruguay. Esta autorização acaba de ser concedida pela Comissão do Congresso da dita Republica.

A missão compõe-se de um major e um tenente de infantaria, um capitão de artilharia, um dito de engenharia, e um oficial de marinha.

*

Estatística das despesas militares das grandes potencias. — O anuario alemão *Nauticus*, publicou ha pouco, uma interessante estatistica das despesas feitas durante os 10 últimos anos no exercito e marinha das grandes potencias. Estes algarismos foram tomados dos orçamentos dos diferentes países, e apresentam, por conseguinte, alguma aproximação.

Eis as despesas effectuadas em 1913 (em milhões de francos):

	Exercito	Marinha	Total			
Russia.	1:568	622	2:190, ou seja	13,98	por habitante.	
Inglaterra.	719	1:181	1:900, » »	41,31	» »	
Alemanha.	1:261	584	1:845, » »	27,32	» »	
França.	957	515	1:472, » »	37,08	» »	
Estados-Unidos ..	528	743	1:271, » »	13,04	» »	
Austria.	600	200	800, » »	15,00	» »	
Italia.	414	257	671, » »	12,12	» »	
Japão.	250	250	500, » »	9,12	» »	

Segundo a proporção das despesas que por habitante correspondem, a Inglaterra, é a que ocupa o primeiro logar em consequencia dos crescidos algarismos do seu orçamento da marinha; vem em seguida a França, a que impôz maior sacrificio a cada um dos seus habitantes, embora o seu orçamento total seja todavia inferior ao da Alemanha, e isto é devido á sua pobreza relativa em população, ao contrario da Russia, que tendo o maior orçamento de guerra ocupa muito menor contribuição individual.

É inutil dizer que nos ultimos 10 anos, as despesas militares de quasi todas as nações aumentaram progressiva e consideravelmente, o que se accentuou mais em 1914. Só os Estados-Unidos viram diminuir o seu orçamento de guerra (exercito), e, tanto assim que foi notavelmente aumentado o correspondente á sua marinha.

BIBLIOGRAFIA

I — LIVROS

França

- 1 *Service des armées en campagne*. Service en campagne. Droit international. Volume arrêté à la date du 2 décembre 1913. In-8, 263 p. 1914. Henri Charles-Lavauzelle. Paris Fr. 2
- 2 CULMANN (commandant F.) breveté, ancien élève de l'Ecole polytechnique. *Tactique d'artillerie. Le canon à tir rapide dans la bataille*. In-8, 584 p. 1914. Henri Charles-Lavauzelle. Paris Fr. 7,50
- 3 DUMAS (général J. B.). *Au combat! Repos ailleurs! la nature et l'ordre*. In-8, 159 p. Henri Charles-Lavauzelle. Paris Fr. 3
- 4 *Annuaire officiel de l'armée française*. Troupes métropolitaines et Troupes coloniales pour 1914. In-8, xxiv-2041 p. 1914. Berger-Levrault. Paris.
Ministère de la guerre.
- 5 AUBRAT (colonel). *Conséquences de la création de l'avion d'artillerie; (avec quatre croquis)*. (1^{er} juillet). In-8, 35 p. 1914. Marc-Imhaus et René Chapelot. Paris.
- 6 AUBRAT (colonel). *Évolution des idées sur le mode de préparation de l'artillerie à la bataille*. 1914 (27 juin). 136 p. Marc Imhaus et René Chapelot. Paris.
- BAUDOIN (F.) ancien officier de réserve, juge de paix de Ruffec (Charente) maire de Couture-d'Argenson (Deux Sèvres). *Manuel du conscrit, du soldat et du réserviste*. Constitution de dossiers pour soutiens de famille et dossiers sanitaires, avec formules. Engagements et rengagements pour toutes armes. Tableaux des emplois réservés aux engagés et rengagés. In-16, 134 p. Th. Martin. Niort. 1914 Fr. 1,25
- 8 BEUVE (O) ancien élève de l'Ecole des Chartes, conservateur de la Bibliothèque, des Archives et des Musées de la ville de Châlons-sur-Marne. *L'Invasion de 1814-1815 en Champagne. Souvenirs inédits publiés avec une introduction et des notes*. In-8, xxii-187 p. Berger-Levrault. Paris Fr. 6
Bibliothèque de la «Revue historique de la Révolution française et de l'Empire» publiée sous la direction de Charles Vellay. docteur ès lettres, II.
- 9 BLAISE (capitaine). *L'Observation aérienne et les Conséquences de son emploi. La Sûreté. L'Avant-garde et l'Engagement du corps d'armée. La Bataille d'armées. La Manœuvre stratégique*. (1^{er} juillet) 1914. In-8, 87 p. Marc Imhaus et René Chapelot. Paris Fr. 1,50
- 10 BODIN (capitaine) docteur en droit. *Les Lois et Coutumes de la guerre sur terre*. In-8, 36 p. (27 juin) 1914. Marc Imhaus et René Chapelot. Paris Cent. 60
- 11 BREMEN (lieutenant-colonel W. von). *L'Armée allemande après sa réorganisation*. Traduit par Jean Schmidt, avec l'emplacement des troupes en 1914. In 12, 80 p. (1914). Berger-Levrault. Paris Fr. 1,50
- 12 *Ce que les gradés d'infanterie doivent connaître du nouveau service en campagne*. Extraits du Décret du 2 décembre 1913, portant règlement sur le service des armées en campagne. Fascicule mettant à jour le livre du gradé d'infanterie. Petit in-16, 87 p. 1914. Berger-Levrault. Paris.
- 13 COLIN (lieutenant-colonel J.). *Napoléon*. In 16, 178 p. avec gravures. 1914 (1^{er} juillet). Marc Imhaus et René Chapelot. Paris Fr. 1,50
(*Les Grands hommes de guerre*).
- 14 *Compte général et définitif des dépenses du ministère de la guerre*

- Exercice 1912. Annexe au compte. Comptes des journées de l'armée active, de la réserve et de l'armée territoriale par les troupes métropolitaines et les troupes coloniales (exécution de l'article 25 de la loi du 5 août 1882) 1914 (26 juin). In-4, 244 p. Impr. nationale. Paris.
- 15 *Etat militaire du corps de l'artillerie pour 1914*. In-8, n-1274 p. 1914. Berger-Levrault. Paris.

Inglaterra

- 1 *Government Publications :*
 ADMIRALTY. *Supplement*, 1914, relating to the Eastern Archipelago Pilot, Part 1. 3rd. ed 1911 (corrected to 28th July, 1914). *Gratis to purchasers of Eastern Archipelago Pilot, Part 1.*
 — *Cape Astrographic Zones*, Vol. 1 15/
 — *Tide Tables*, 1915 1/6
- 2 BERNHARDI (F. von) *How Germany Makes War*. Cr. 8vo, pp. xvi-248. Hodder & S. swd, net 2/; 2/6
- 3 *Franco-German War (The)*, 1870-71. By Generals and other Officers who took part in the Campaign. Translated and Edited by Major-General J. F. Maurice. Reissue. 8vo. G. Allen 21/
- 4 *German Army from Within*. By a British Officer who has served in it. Cr. 8vo, pp. 192. Hodder & S. swd, net 2/; 2/6
- 5 GRAVES (Armgaard Karl) *The Secrets of the German War Office*. Cr. 8vo, swp, pp. 183. T. W. Laurie net 2/
- 6 GREAT War Book (The) *With Maps and Diagrams*. 8vo, pp. 190. Hodder & S. net 1/
- 7 HALL (Middleton) *Hints on Rifle Shooting*. 8vo, swd. Author 6d
- 8 HISLAM (Percival A.). *The Navy of To-day*. (The People's Books.) 12mo. Jack net 6d
- 9 JANE (Fred T.) *Silhouettes of British Fighting Ships*. With Maps and Illustrations. (Naval Recognition Book). Cr. 8vo, bds, pp. xvi-64. S. Low & Co. net 1/
- 10 KING (C.). *The History of British Flags*. 12mo, pp. 65. H. Reisch net 6d
- 11 KINSMAN (Lieut-Col. H. J.) *Tactical Notes*. 12mo. pp. 286. Rees net 5/
- 12 KNOX (Captain John) *An Historical Journal of the Campaigns in North America*. For the Years 1757, 1758, 1759, and 1760. Edited with Introduction, Appendix and Index by A. G. Doughty. In 3 vols. Vol. 1. Royal 8vo, pp. xxiii-512. Champlain Socy. (Toronto).
- 13 LLOYD'S *A B C of the War*. 8vo, swd. Hodder & S. net 6d
- 14 MACFALL (Haldane) *The «Nut» in War*. Being the brief biography of the unlicked Cub. Cr. 8vo, swd, pp. 62. Simpkin net 6d
- 15 MOFFITT (F. W.) *Infantry Field Work*. Lectures to Non-Commissioned Officers. Cr. 8vo, swd. H. Rees. net 6d
- 16 *Navies of the World (The)* 12mo, pp. 95. Ben Johnson & Co., Ltd. 6d
- 17 *Roar of Battle (The)* Scenes and Episodes of War, with a special chapter on the Siege of Liège, 1914. Edited by Ernest Rhys. Cr. 8vo, bds, pp. 290. Jarrold net 1/
- 18 ROBINSON (Ernest H.) *Rifle and Carton*. Some Notes on Target Shooting with the 22 Calibre Rifle as a Sport and in Preparation for War. 3rd ed, with a chapter on The Formation and Management of Miniature Rifle Clubs. Cr. 8vo, pp. 116 E. Seale net 1/
- 19 STEVENI (W. Barnes) *The Russian Army from Within*. Cr. 8vo, swd, pp. 188. Hodder & S. net 2/
- 20 *War Book-of-Facts (The)* 3:000 Figures and Facts about the Conduct of War, the Present Crisis and its Causes. Cr. 8vo, pp. 146. A. W. Shaw net 2/6
- 21 WILLIAMS (Lieut. Col.) *The Waterloo of 1815*. From «England's Battles by Sea and Land», 8vo, swd. Newspaper World 2d

- 22 CRANE (Stephen) *Great Battles of the World*. («Daily Telegraph» War Books). 12mo, pp. 192. Hodder & S. net 1/
 23 «Daily Mail» *War Album*. Set No. 1. Containing.

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *O Instituto*, n.ºs 11 e 12 de novembro e dezembro de 1914. Juizes!... Artes e industrias metalicas em Portugal. Memorias archeologico-historicas do distrito de Bragança. Memorias de Carnide. O Fausto de Goethe.
- 2 *O Oriente Portuguez*, n.ºs 9 e 10 de setembro e outubro de 1914. Alguns medicos antigos de Goa. Comercio do opio em Damão, etc. Epitafios em Taleigão. Varia variorum.
- 3 *Revista de artilharia*, n.ºs 125 e 126 de novembro e dezembro de 1914. O telémetro. Antes fazer baterias de costa. Organização e manobra do grupo de baterias a cavalo. Combustão da polvora a volume constante. Questões de artilharia de campanha. Os preliminares do tiro de bateria. Ordens. A guerra europeia. — Diario de guerra.
- 4 *Revista Illustrada* da «Sociedade hipica portuguesa», n.º 36 de outubro-novembro de 1914. Crónica. O campeonato do cavalo de guerra de 1914. Resultado do concurso hipico internacional de Lisboa. A exposição pecuaria de Elvas. Concurso hipico de Tomar. Acta da sessão extraordinaria da assembleia geral da Sociedade hipica portuguesa em 11 de julho de 1914. Concurso hipico official do Porto.
- 5 *Revista de medicina veterinaria*, n.ºs 153 e 154 de novembro e dezembro de 1914. Algumas palavras sobre peixes, crustaceos e moluscos — Sua inspecção sanitaria. Clinica veterinaria militar. Escola de medicina veterinaria — Excursão zootechnica no Minho. Silva Viana. Notas clinicas.

Argentina

- 1 *Revista militar*, n.º 262 de novembro de 1914. Mision en Europa. Ingenieros militares. Empleo de las posiciones cubiertas en la artilleria de campaña teniendo en cuenta el apovo que ésta debe prestar a las demás armas en el combate.

Brazil

- 1 *Boletim mensal do Estado maior do exercito*, n.ºs 5 e 6 de novembro e dezembro de 1914. Notas editoriaes. A pequena guerra. Cousas militares. Guerra do Paraguay. A guerra dos Balkans. Serviço de saude em campanha. A cavallaria de exercito e a infantaria associada. Parellaxes. Exercito americano. Operações contra os fanaticos. Baterias altas de obuzeiros de costa. O serviço de aviação no exercito americano. A artilharla na guerra dos Balkans em 1912-13. Relatorio apresentado ao jury do raid hipico militar de 1914.
- 2 *O Tiro*, n.º 69 de dezembro de 1914. Campeonato de tiro de 1914. Recompensas de tiro. Disciplina allemã. Conselho superior de Defeza nacional na Republica Argentina. O exercito portuguez. Composição dos exercitos. Italia. Conflagração europeia. Regulamento de tiro para a infantaria. Boletim da Confederação do tiro brasileiro.
- 3 *Revista maritima brasileira*, n.º 5 de novembro de 1914. O novo governo. A situação dos nossos arsenaes. Breves ideias sobre a nova doutrina da guerra. Bases estrategico-navaes. Exercicios de tiro com

torpedos. Estudos hydrographicos na embocadura oriental do rio Amazonas. Brasileas.

Chile

- 1 *Memorial del Estado mayor del ejercito de Chile*, n.ºs de novembro e dezembro de 1914. Cuestiones militares. La batalla de Rancagna 1.º i 2 de outubro de 1814. Informaciones sobre la guerra Turco-balkánica. Pólvora brasileira para cartucho Mauser M/1908. Párrafos del Mensaje por el Presidente señor Montes en la apertura del Congreso en el presente año, relacionadas con el Ejercito de esa Nacion. Noticias del ejército alemán. La exploracion en artilleria. El ejército de los Estados-Unidos de Norte-américa 1912-13. — Su fuerza é organizacion. El servicio del Tren del ejército — Su organizacion en la paz i sus formaciones en tiempo de guerra. Directiva para la instruccion del batallon. Prescripciones de nuestros reglamentos sobre la cooperacion de la infanteria i artilleria en el combate. La artilleria de campaña moderna en su empleo con la infanteria. Educacion civica en los cuarteles. Como se organizarian los trenos i columnas de una division de ejército movilizada.
- 2 *Revista de marina*, n.ºs 339 a 341 de setembro a novembro de 1914. Lijera reseña sobre el progreso de la artilleria. Polémica naval suscitada por el ex-vicealmirante Sir Peray Scott. Corrosion en las calderas, causas i medidas preventivas. Tallas de altura i azimut de M. F. Suoillegonet. El teodolito universal «Bamberg»; su descripción i uso práctico. El servicio de las fortificaciones de nuestras costas. Ventajas del compás jiroscópico. El presupuesto de marina. Guerra naval. Defensa de la costa. Operaciones combinadas del ejército i de la marina. Compensacion del campos por medio de azimutes i un nuevo procedimiento para determinar la correccion del flindres.

Colombia

- 1 *Memorial del Estado mayor del ejercito de Colombia*, n.º 28 de outubro de 1914. Nota editorial. Limites de Colombia. El ejército del Comando. Las potencias navales europeas en el Mediterraneo. Lecciones de balística. Proyecto unico para la artilleria de campaña. A través de la prensa extranjera. Aviación. Documentos historicos. Reproducción — Fundación de centros de tiro al blanco.

Dominicana

- 1 *El Porvenir militar*, n.ºs 16 e 17 de outubro e novembro de 1914. La guerra europea y sus enseñanzas. Necesitamos de reformas. Fomentese la educacion militar en la juventud. Francisco Báez. Reglamento que debe dítarse. Proyecto de reglamento del cuerpo auxiliar de carabineros. Gral. Francisco A. Herberes. Cañones «Howitzers» de sitio del ejército alemán. El canal de Kiel.

Espanha

- 1 *Estudios miliiares*, n.ºs 5 e 6 de novembro e dezembro de 1914. Recuerdo historico: Polier y Laey. Las nuevas tablas de tiro del fusil Mauser reglamentario con la bala P. El infante y el terreno. La guerra en los Balkanes (1912-1915): Crónica politico-militar. Las grandes maniobras francesas en 1912. Memoria hecha sobre la base de apuntes tomados durante el curso de 1911 en la Escuela de Tiro de Infanteria. Reglamento táctico de ametralladoras de infanteria (Austria-Hungria). Breve resumen de la campaña de Tracia. Tactica de huel-

- gas. Resolución de los problemas tácticos. Reglamento táctico de ametralladoras de infantería (Austria-Hungria).
- 2 *Memorial de artillería*, n.º de noviembre e dezembro de 1914. La evolución de la Artillería de montaña y su estado actual en los países europeos. Nuevas bases para la reorganización de las comandancias de artillería. Notas de ingeniería industrial: Práctica de la fabricación y tratamiento del moderno acero de itiles llamado de «corte rápido».
 - 3 *Memorial de ingenieros del ejército*, n.º 11 e 12 de noviembre e dezembro de 1914. Plantas y perfiles de trincheras. Tabla de interpolación para determinar los puntos de peso de las curvas de nivel en los planos topográficos. Conveniencia de los libros de texto. El general Urquise. El regimiento de ferrocarriles en las huelgas de Río Tinto y Huelva. Una agresión a nuestras tropas. Las tropas y servicios de ingenieros en Marruecos. Las comunicaciones telegráfico-telefónicas en la región Ceuta-Tetuán. Necrología.
 - 4 *Revista de caballería*, n.º de noviembre de 1914. Los problemas sobre el plano. Experiencias sobre alimentación del ganado del arma de caballería. Texto de la Memoria de las experiencias realizadas con la silla y equipo, modelo de la Escuela de Equitación militar. Reglamento francés del servicio en campaña. Memoria referente a la instalación de un establecimiento mixto de cría caballar y remonta en la dehesa de «Smid-el-Mé» (bajalato de Alcazarquivir). Consideraciones sobre el arma de caballería.
 - 5 *Revista técnica de infantería y caballería*, n.º 9 a 12 de 1 e 15 de dezembro de 1914. Instrucción teórica de los oficiales y de los cadetes en general. La obra militar de la revolución francesa. Acción colonial en la Guinea española. La manera de llevar la guerra y su duración. Preceptos y juicios de Napoleón sobre la caballería. Manual de telegrafía militar. Sobre las causas de decrecimiento en las pérdidas de la guerra. La mora en la batalla.

Estados-Unidos

- 1 *Journal of the United States artillerie*, n.º 130 de noviembre-dezembro de 1914. The development of coast artillery gunnery in the United States during the last twenty year. Suggestions for the organization of work in a large mine command. The hydroaeroplane in coast defense reconnaissance. Parallelism of the sight arm and axis of the bore. A suggestion regarding powder charges for target practice 1915.

Italia

- 1 *Rivista di artiglieria e genio*, n.º de setembro de 1914. Risultato dei concorsi indetti della *Rivista di artiglieria e genio* per l'anno 1915. Il nuovo ospedale militare di Torino. Il Vallo d'Adriano. Crice una nuova tavola numerica pel calcolo dell'altimetria col metodo trigonometrico. Gli ultimi studi sulla resistenza della artiglieria. Nuovi principi costruttivi. Cannoni e corazza nel 1913. Cenni sulla organizzazione della artiglierie campali negli eserciti austro-ungarico, francese, russo e tedesco.
- 2 *Rivista di cavalleria*, n.º de 15 de noviembre e dezembro de 1914. Forza numerica degli ufficiali dell'arma di cavalleria. De un mese all'ottro. Sursum corda! Visioni di guerra. Le operazioni della cavalleria russa del distaccamento Stackelberg. Corse militari in Italia. I dragoni pontifici a Cornuda. Caccie — Corse — Concorsi. Tally Ho! Saggio di metodo per l'istruzione tattica delle squadre. Alcune note sull'impiego della cavalleria nel servizio di esplorazione presso l'esercito francese. Divagazioni a proposito della guerra attuale a degli inseguimenti. Annotando «Waterloo (1815)».

Mexico

- 1 *Boletim de ingenieros*, n.ºs 3 e 4 de outubro e novembro de 1914. El canal de Barge. Prescripciones normales para las construcciones de cemento armado. Aprendizaje de sobrestantes y Maestros de obras. El conflicto europeo, crónica de los acontecimientos. La miseria del Sargento. Los orígenes del Régimen Constitucional en Hispano-América. Héroes ignorados. La Guerra de Peloponeso. Estudio de los perfiles teóricos más convenientes para la fortificación del campo de batalla. Conocimientos actuales acerca de la resistencia del aire. Limitaciones del submarino. Aparato Tourne-Sol destinado a facilitar las observaciones del terreno desde el aeroplano. La estación radiotelegráfica de la torre de Eiffel. Nuevos petardos huecos. Los orígenes del Régimen Constitucional en Hispano-América. La Guerra del Peloponeso. Escalafón del departamento de ingenieros.
- 2 *Revista del ejército y marina*, n.ºs 10 e 11 de outubro e novembro de 1914. Proyecto de reorganización para el ejército mexicano. Reclutamiento de oficiales del ejército alemán. Sección de educación físico militar. Nombramientos de generales expedidos por la Secretaría de guerra y marina, durante los meses de septiembre y octubre de 1914.

Noruega

- 1 *Norsk militært tidsskrift*, n.ºs 11 e 12 de novembro e dezembro de 1914. Krieg II. Et aars vaabenovelses. Samarbeide mellem infanteri og artillerie. Infantiets vaabenovelses. Brukes der dum-dumkuler i der nuvxrende krieg?

Romania

- 1 *Romania militara*, n.º de outubro de 1914. Adunările leginuitoare intrunite. Cronica. Avangarde invizibila. Tanarul ofiter di infanterie si pregătirea lui. Conferinta tinuta de Lb-Colonel I. Coanda la Societatea Regala Romana de geografie. Lupta dela 17 si 18 Iunie 1913 contra inaltimei 550. Celul in artileria noastra colaruta. Entrebuintarea proiectoarelor in resboiul de câmp.

Salvador

- 1 *Memorial del ejército de El Salvador*, n.ºs 19 e 20 de julho e agosto de 1914. Antropometria radiografica. Leys de la Guerra. La importancia de la Prensa en la guerra. Descripción de la nueva ametralladora. Vichkers, modelo ligero. El Hospital militar. Sobre administración militar. Reglamento alemán para el tiro de ametralladoras. Pistolas automaticas *Para bellum*. El fusil del porvenir. Da higiene militar. La estrategia de ayer y la de hoy.

Uruguay

- 1 *Revista del centro militar y naval*, n.º 127 de novembro de 1914. La necesidad de la fuerza armada. Notas de la guerra. Para ayudarte en el comando de tu compañía. Páginas de historia militar. Polvorines modernos. Juego de guerra. Sobre la gran guerra. Exámenes en la Escuela militar y naval. Capitan de navio don Juan P. Sulbur. La guerra actual. Bosquejo de la campaña turco-balkanica 1912-13. Instrucción de caballeria.